

A Pesquisa 1978-79

Para escrever detalhadamente sobre a pesquisa Canela, 1978-79, é preciso dividi-la em períodos e descrever cuidadosamente sobre o que eu fizesse durante estes prazos determinados.

Durante o prazo 1-8-78 - 31-12-78, além de estudar a língua, o assunto principal era a descrição e análise das cerimônias e festivais. Também estudei, comparativamente, a etnologia Jê de Norte por meio das teses e livros que já foram publicados. Claro que sim, notei as mudanças que tivesse acontecido desde o ano 1975. Também, trabalhei com os escritores de manuscritos e gravadores de fitas, ambos fazendo os diários deles, para ajudá-los aperfeiçoar estes instrumentos de pesquisa de longo prazo. Também, neste período, os Canelas botaram o festival dos Kêêtúwa-jê de que tirei chapas de cor e filmes de super-8, e gravei fitas da alta qualidade feitas numa máquina Nagra. Também, eu estava começando a descobrir exemplos de uns padrões cognitivos nos festivais, no sistema de parentesco e em vários outros setores da vida Canela.

Pois, é preciso escrever sobre todos estes assuntos numa maneira ainda mais detalhada.

No estudo dos festivais, eu tinha visto nos anos passados todas estas cerimônias ao menos uma vez, e tinha comigo todas minhas anotações, em cópias xerox, sobre estas festas dos anos passados. Aliás, eu tinha o livro do Curt Nimuendajú (1946) em que ele tinha escrito descrições destas mesmas festas na década '30. Pois, eu usei um grupo de velhos e um interprete para debater as diferenças entre estas várias versões das festas para descobrir mesmo se as diferenças fossem mudanças ou erros ou alternativos ou omissões, etc. Claramente, eu estava procurando "o porquê" das diferenças. Aliás, eu estava na mesma hora tirando o sentido, ou o simbolismo de quase todos os atos e dos artefatos dos festivais. (São como espetáculos ou como peças de teatro.)

Trabalhei, assim, por quatro meses (os festivais são extensos, vide Nimuendajú 1946: 163-230) com cinco ou seis pessoas, com calma, aprendendo as opiniões deles, descobrindo ideologias para ajudar a explicação de muitos dramas e atividades das festas. Com a ajuda destas ideologias explicativas e com a descoberta de certos padrões cognitivos, ambos servindo como bases para estruturar as festas e a vida Canela geralmente, era possível para mim fazer sentido das festas como um conjunto total. Tentei fazer isto, por maior parte, do ponto de vista dos informantes -

Verificar final
10. fev. 86

uma abordagem emic, mas, claro que sim, eu tinha que usar a minha compreensão também; isto é, usei também, quando for necessário, uma abordagem etic. Mas, a maior parte do análise era emic (=dos pensamentos dos índios).

Também, no período primeiro, do 8/78-12/78, passei, pode ser, tres semanas estudando a estrutura social dos Canelas como uma tribo entre as várias tribos Jê do Norte. Li de noite as teses e livros dos outros escolares das tribos Jê do Norte e fiz muitas perguntas dos quatro a seis pessoas para estar certo que o sistema Canela, que eu ia apresentar em publicações mais tarde, pudesse ser bem comparável com estas outras tribos irmãs - Krahô, Gaviões, Krikati, Apinayé, Kaiapô, do Norte e Suyá. Encontrei várias ligações comparativas. Mas também são diferentes em muitas maneiras. Claro que sim, este "abanico" de tribos são variações de um modelo muito antigo, mas as causas contribuindo às diferenças não investiguei porque estes fatores estão fora do âmbito da pesquisa. São fatores ecológicos, históricos, de inter-contato tribal, etc. Eu estava pesquisando para procurar razões pelas semelhanças--ideologias semelhantes ou variações destas mesmas ideologias, e também padrões cognitivos. Estes últimos são tão profundos nas consciências dos Canelas que não são expressadas em ideologias faladas e conscientes. São encontrados como relações entre elementos da cultura, e são semelhantes, ou até idênticas de um setor cultural a outro setor cultural. Estes padrões cognitivos são muito explicativos. Também, ficam como a raison d'être da sociedade Canela.

Voltando a descrição da pesquisa feita no prazo 8/78-12/78, e virando aos outros assuntos estudados, naquele prazo, acho que é melhor tratar com o assunto dos manuscritos e fitas feito pelos certos Canelas mais tarde neste relatório, e também discutir a festa dos Kêêtúwa-jê (1978) junto com a festa dos Pepchãc (1978) na terminação deste ensaio. Similarmente, é melhor discutir as mudanças culturais numa seção especial, no fim, tratando todas as mudanças de uma vez. De todos modos, os assuntos especiais que estudei, no prazo 8/78-12/78 foram a análise e a síntese da vida cerimonial (festivals e ritos) e o estudo comparativo, breve, das tribos Jê do Norte para colocar os Canelas na sua posição relativa entre este jogo de tribos ligadas culturalmente. Os Canelas, especialmente os Rankokamekra-Canelas da aldeia dos Escalvados, são mais diferentes das outras tribos do que é geralmente reconhecido.

No segundo período, isto é, entre 20-1-79 e 31-3-79, virei ao estudo de palavras "chaves" na língua dos Canelas. É certo que muitas palavras Canelas não tem o mesmo campo semântico que tem a palavra correspondente em Português. Por exemplo, a expressão, "ele botou a culpa nele" (em Canela, cuté i'pró mên), quer dizer em português que uma pessoa botou a culpa numa certa pessoa. Quer dizer adicionalmente que esta certa pessoa pudesse ter feito a coisa alegada ou não ter feito. Mas, para o Canela, esta certa pessoa não tinha feito a coisa alegada; é compreendido que uma outra pessoa tinha feito a coisa ruim. Assim, cuté i'pró mên é sempre uma falsa acusação.

Então pelo estudo de certas palavras Canelas eu estava entrando mesmo dentro da maneira de pensar deles. O objetivo desta abordagem não era linguística; era etnológica. Por exemplo, descobri que há uma divisão completa entre tipos de atividades. Uma ação de uma pessoa pode ser só harkwa-kôt (pela ordem de alguém) ou pode ser amyiá-kôt (pela vontade da pessoa fazendo a ação). Isto contribuía a debates entre meus ajudantes. Um disse categoricamente que qualquer coisa feita amyiá-kôt foi necessariamente uma coisa ruim porque não era da palavra do Deus. Um outro ajudante disse que alguns coisas amyiá-kôt eram ruins e alguns eram bons. Foi assim, e por meio de estudar outras palavras profundamente, que descobri as atitudes deles sobre "a predeterminação" e "a vontade livre", sobre "o bom" e "o ruim", e sobre "a vida agrupada" e "a vida solitária". Mesmo "o bom" e "o ruim" são relativo, e cada tem seu lugar. As vezes, um Canela pode seguir um curso solitário na vida. Assim, pelo estudo cuidadoso de palavras "chaves", ganhei as crenças deles sobre a probabilidade, a sorte, os graus de possibilidade, a dúvida, a obediência, o êxito e a falha, o comprimento e a largura de objetos, os contrastes das cores, a natureza do tempo e do espaço, e também das estações do ano, a maneira de uma pessoa proceder na vida - por etapas, como subindo e descendo uma escada - e muitos outros conceitos no mundo cognitivo Canela. É a maior parte destes conceitos mencionados acima são organizados segundo os poucos padrões principais que eu tinha descoberto entre os festivais.

É importante compreender que os Canelas não possam explicar nem falar sobre estas configurações cognitivas. São subconscientes. Não sabem explicá-las, nem em português nem na sua língua. Mas, por meio de estudar os limites dos campos semânticos de certas palavras, o pesquisador pode aprender o que o Canela não pode explicar.

Assim, no segundo período (20-1-79 a 31-3-79), eu estudei principalmente estas palavras chaves, mas eu também tinha reuniões com os escritores dos manuscritos para fazer perguntas a eles para aperfeiçoar este instrumento de manuscritos e fitas para me servir como fonte de informes sobre a mudança cultural durante minha ausência futura, mas também como um instrumento de estudos cognitivos. Nesta última frase, estou falando da maneira de expressar-se por simbolismo, a ordem de introduzir assuntos, e muitos outros padrões cognitivos. Por exemplo, quase sempre falam da falta de um aspecto negativo do assunto de interesse e depois chegam a falar ao lado positivo do assunto. Mas, porque é quase sempre assim? Eles tem que mostrar os dois lados, demonstrando primeiro que não existe nada no lado negativo para depois poder falar bem forte nos aspectos do lado positivo do assunto.

No 1966, (escrevendo os manuscritos começaram no 1964), o famoso Dr. Claude Lévi-Strauss da França, falando na Smithsonian Institution em Washington, D.C., E.U.A., numa conferência sobre a "antropologia urgente", disse que se um pesquisador pudesse motivar índios para escrever e criar uma literatura deles de "documentos pessoais", seria possível a análise dos padrões mentais (=cognitivos) da pessoa e do povo. Isto me deu muita coragem para continuar colecionando nesta maneira para esta finalidade.

Pois, em resumo, no segundo período, além de estudar palavras chaves para ganhar vários conceitos etnológicos os que eles não pudessem explicar eles mesmo em frases, eu também passei duas semanas trabalhando com os escritores dos diários para ajudá-los escrever melhor - para dá-los mais coragem e para interessá-los mais na sua tarefa.

No terceiro período, 5/79 e 6/79, o foco da pesquisa estava na monografia do famoso etnólogo brasileiro, Curt Nimuendajú, The Eastern Timbira, (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, Vol. 41, 1946). Este foi o livro sobre os Canelas, escrito com dados colecionados entre 1929 a 1936, que foi a maior obra deste mestre da etnologia brasileira. Um antropólogo brasileiro, muito prominente, tinha me dito que um dos serviços maiores que eu pudesse fazer entre meus outros estudos Canelas seria fazer um estudo do livro do Nimuendajú mesmo. Assim, o maior foco da pesquisa nestes dois meses era o estudo do livro com quatro velhos Canelas e um interprete. Fizemos uma averiguação não somente deste livro de mais de 350 páginas, mas também renovamos as minhas anotações do

1960 e do 1968 que eu tinha feito naqueles anos para chequar os ^{dados} neste livro importante. Os quatro ajudantes velhos lembraram bem do Curt Nimuendajú, o Cõ-'caypõ, e também de muitos dos acontecimentos no livro, e era a opinião geral do grupo que se o Nimuendajú tivesse tido um interprete bom como o meu, o Raimundo Roberto Caapêr-tic, ele teria cometido menos erros.

É certo que a monografia do Curt Nimuendajú é boa geralmente, mas o escritor falhou na compreensão de certos conceitos e certos dados específicos. As vezes, as diferenças são uma questão de mudanças ou de variações, mas em muitos casos são claramente uma questão de falta de boa comunicação entre o Nimuendajú e os ajudantes dele. Vai ser possível distinguir entre os certos tipos de matérias em que ele esteve bem correto também como demonstrar as categorias de dados em que ele geralmente errou. Tal reportagem deve ajudar os profissionais usar melhor as outras publicações do Curt Nimuendajú.

O quarto período de minha estadia foi o mês de agosto com poucos dias de julho e poucos dias de setembro para fazer cinco semanas. (Devo dizer neste ponto que perdi para a pesquisa, quase quatro semanas do mês do abril por causa de uma visita de minha senhora e filho em São Luis por duas semanas, e por causa de quase uma semana de consultas médicas e de uma semana ao menos em trânsito e fazendo compras na Barra do Corda. Também perdi para a pesquisa quase quatro semanas do mês do julho, outra vez por causa da visita de minha senhora e filho, esta vez, por duas semanas entre os Canelas. (Era a sétima visita por ela, mas a primeira para o filho. Ela é adotada e mora numa família Canela mesmo como eu, mas, claro que sim, as famílias tem que ser diferentes.)

Neste quarto período, uma equipe internacional de filmagem, Museu do Indio-Smithsonian, esteve na aldeia. Por isto, eu trabalhava de dia na minha pesquisa mas raramente de noite, quando passamos uma parte do tempo discutindo a filmagem do dia.

O foco principal deste período foi nas minhas anotações dos anos 1959-60 e 1964 - para averiguá-las e para procurar mudanças. Outra vez, usei um grupo de velhos - estes grupos variavam em composição de pessoas - com um interprete, sempre o Raimundo Roberto. Eu compreendia uma parte grande das discussões deles na língua, mas era importante que o Raimundo traduzesse os pontos finos e as conclusões do debate entre os ajudantes, sobre o assunto que eu tinha apresentado a eles. Foi assim que averigui o que eu chamo "minha etnografia Canela", também por

erros mesmo por mudanças. Agora posso ficar bem confiante que os dados da etnografia geral são bem certos - colhidos em 1959-60 e 1964 e averiguados com cuidado no 1979. Claro que sim, no terceiro e quarto períodos, eu estava colhendo muitos dados novos, e além disso averiguando os meus dados e os dados do Curt Nimuendajú. Nestes dois períodos, enriqueci muito a etnografia Canela porque era possível de fazer perguntas sugeridas pelas várias ideologias pan-Jês e pelos poucos padrões cognitivos, os que foram desenvolvidos depois dos anos das primeiras coleções de dados.

Um foco menor deste período da pesquisa foi o estudo da vida sexual-pessoal. Quatro ajudantes, bem conhecidos por muitos anos, me ajudaram, tres homens e uma mulher. Não encontrei muitas diferenças entre 1959 e 1960 neste respeito. Também um estudo mínimo foi feito sobre o messianismo do 1963 entre os Canelas e achei poucas distorções nas lembranças deste movimento.

Logo que tinha saído os cinematistas no começo do setembro, entrei no quinto e último período da pesquisa (9-79 - 20-10-79). Voltei ao estudo de conceitos Canelas outra vez para aprofundar-me no sentido de palavras "chaves". Assim, o quinto período foi uma continuação do segundo período.

Estudos deste tipo só podem ser feito com a cooperação de ajudantes muito especiais. Raimundo Roberto Caapêr-tic começou de me ajudar regularmente no 1958. No 1964, ele começou de escrever manuscritos diariamente para mim, mesmo como dois outros Canelas. (Eu nunca ensinei qualquer Canela a escrever português; eu só ensinei o Raimundo, que já escrevia português, a escrever na língua no 1964 para que eu pudesse ganhar "uma chave" como the Rosetta Stone do Egito para aprender a língua. Ele escreveu duas páginas na língua e traduziu-as a Canela cada dia, em letras fonêmicas. Os dois outros Canelas escreveram tres páginas em português. Foram na forma de diários - "documentos pessoais" que tem uma tradição na antropologia e na psicologia.)

Pois, o Raimundo ganhou assim um certo tipo de formação. Treinou-se a pensar com cuidado sobre a significação de palavras portuguesas e palavras Canelas e a inter-relação delas. É por isto que ficou como um tradutor e interprete par excellence mais tarde. O missionário-linguista, o Sr. Jack Popjes, entre 1968 e 1977, usava o Raimundo, ultimamente, para averiguar todas as suas traduções feitas por outros índios. Se não fosse por esta certa "formação" do Raimundo, em pensar sobre palavras com muita precisão, não valeria a pena tentar de fazer esta análise

de campos semânticos de palavras "chaves". Este tipo de pesquisa eu não poderia ter feito com qualquer outro Canela.

Também, neste período último, fiz o recenseamento da aldeia dos Escalvados do P.I. Canela. Não fiz este censo como eu tinha desejado fazer, colhendo muitos dados quantificados sobre certos aspectos da aculturação. Não houve bastante tempo, não pude arriscar gastar o tempo nestas coisas menos importantes porque eu soube que, qualquer dia, a notificação da terminação de minha autorização para permanecer entre os Canelas pudesse chegar.

Eu já tinha dados sobre os assuntos de estudo deste período, mas com os novos "instrumentos" aprendidos este ano, os padrões cognitivos, trabalhamos outra vez sobre a natureza das estações do ano, sobre os níveis do universo, sobre a orientação do sol e da lua e das estrelas, e sobre a natureza da terra e da água. Trabalhamos também sobre vários aspectos do dualismo Canela. Perfeiçãoamos nossa (Raimundo e eu) compreensão dos padrões cognitivos. Também, filmei, gravei, e tirei fotos do grande festival dos Pepcahãc.

Além dos focos principais e dos focos menores dos cinco períodos já mencionados acima, houve vários aspectos da pesquisa que funcionavam de vez em quando durante o tempo que eu estive na aldeia. Houve a transcrição de fita magnética para papel das palavras dos filmes de 16 mm. tirados no 1975, e também dos filmes tirados no 1978 pelo equipe "Museu do Índio-Smithsonian". Depois, estas transcrições foram traduzidas para o português e datilografadas por dois Canelas. Numa maneira paralela, as fitas das combinações no pátio (=reuniões tribais) e das audiências judiciais na casa do cacique foram transcritas e traduzidas. Infelizmente, não houve tempo suficiente para traduzir e datilografar todos estes documentos.

As traduções da filmagem vão ser de grande utilidade na interpretação dos filmes e vão ser entregues ao Museu Goeldi e ao Museu do Índio segundo o convênio existente entre o Museu do Índio e o National Anthropological Film Center da Smithsonian Institution. (As traduções não fazem sentido fora da filmagem.)

A tradução destes documentos para o português (e mais tarde para o inglês) vai ser útil para minha pesquisa, mesmo como os manuscritos (=os diários) feitos pelos Canelas também como as cópias das combinações no pátio (reuniões oficiais da tribo) e

as cópias das audiências judiciais na casa do chefe ou em outras casas. Este conjunto de matérias escritas é volumoso e vai servir para isolar e tirar vários padrões cognitivos e expressões de simbolismo Canela além de aspectos óbvios de mudança cultural.

Também, houve os mitos e as lendas Canelas que eu estava gravando de vez em quando, em qualquer período do ano. O velho Manoel Diogo contava e o Raimundo traduzia para o português, e eu gravava as duas línguas em fita. Fizemos algumas 18 estórias, as que já foram gravadas em 1970 e 1971, contadas por um homem 20 anos mais velho. (É importante gravar mitos por uma segunda vez para ter duas versões de pessoas de diferentes gerações para comparar as variações, ou as mudanças, nas versões.)

Também, eu tirava muitos slides coloridos, filmes super-8, e gravações de alto qualidade das cantorias. Cópias dos melhores exemplares de todas estas matérias vão ser entregues ao Museu Goeldi e ao Museu do Índio segundo os entendimentos existentes.

Eu não fiz uma coleção de artefatos das festas este ano. Isto foi planejado para ser feito no último mês da estadia (11/79) para evitar uma deterioração que aconteceria se fizesse uma coleção mais cedo para guardá-la por vários meses na aldeia. De qualquer maneira, já dei coleções para o Museu do Índio no 1960 e (eu acho) também ou no 1970 ou no 1975.

Infelizmente, minha licença para permanecer na área indígena Canela foi cancelada (20/10) um mes antes do prazo em que eu pretendia sair. É por isto faltei completar a análise de conceitos por estudar certas palavras "chaves". Faltei também fazer uma boa levantamento das mudanças culturais, e de tirar muitas chapas polaroid do Posto Indígena Kanela para entregá-las ao Presidente da FUNAI e às outros pessoas interesadas em Brasília.

Por causa dos boatos contra mim nos jornais, eu já (1/10/79) tinha reduzido o número de escritores de diários a cinco pessoas. Fiquei com eles que tinha entrado no serviço no 1970 ou no 1964 - os primeiros. A nova maneira em que eles iam escrever era todos os outros dias, tres páginas em português cada vez. Começaram no primeiro do outubro: não completaram um mês no novo tipo de serviço antes da cancelamento da minha licença. Dei instruções a eles para não escrever mais sobre coisas pessoais ou políticas. Era para eles escreverem a estória do desenvolvimento da sua tribo, abertamente, e era para entregar estes documentos históricos ao Museu do Índio, eu recebendo cópias, e meu museu pagando.

"O Projeto" da FUNAI já estava chegando na aldeia para desenvolver a economia da tribo. Os cinco historiadores indígenas poderiam ter feito um serviço grande para a FUNAI, escrevendo sobre este desenvolvimento.

Minha especialização maior entre os Canelas era a mudança cultural a prazo longo. Eu tinha reconstruído uma história de mudanças e tendências Canelas desde o 1900. Claro que sim, a monografia do Curt Nimuendajú ajuda muito na síntese desta reconstrução. Do 1957 para o 1979 os dados são de minha coleção, e eu queria continuar esta história de mudanças e tendências por pelo menos dez anos adicionais, mas agora sou "cancelado".

Os Canelas estão no ponto de entrar em mudanças grandes na década '80. Agora tem "O Projeto" e dentro de cinco anos o povo "da classe de idade" do Raimundo Roberto vai ficar no lugar do povo da "classe de idade" dos velhos conselheiros - o senado. Isto é um pulo de 20 anos no pensamento orientando a vida da tribo. Quando isto acontecer, as mudanças vão surgir rapidamente. A categoria de idade do Raimundo, o povo das várias categorias de idade menor a da idade do Raimundo, todas tem sua compreensão virada ao rumo da civilização. Contrariamente, o povo das categorias de idades de mais anos de que a categoria de idade do Raimundo estão ainda apegados fortemente às orientações velhas, as que são já meio desacreditadas mesmo pelos Canelas.

Pois, eu teria gostado de estudar estas mudanças pelos manuscritos feitos pelos cinco escritores e por voltar à aldeia cada tres a cinco anos para uma estadia de tres a cinco semanas, mas percebo bem que vou ter dificultada esta volta por rivais profissionais. Acredito que eu - tendo tantos dados na história passada dos Canelas - sou a pessoa, ou umas das pessoas, que tem mais capacidade de integrar o passado Canela com o futuro.

As Intervenções

É certo que os grandes senhores querem que os seus pesquisadores, como eu, tenham êxito nas suas pesquisas e que possam proseguir nas pesquisas sem indévida interferência. Também, é certo que quando a pesquisa é entre os índios, a FUNAI tem que proteger os interesses do índios; mas é bem conhecido que, em certas escolas de antropologia, o etnólogo também é bem treinado para respeitar as interesses dos índios. Eu, por exemplo, fui formado neste respeito, em cursos de antropologia aplicada e pela personalidade dos meus mais importantes professores na década '50, quando a antropologia norte-americana era mais pessoal em orientação e menos prestigiosa. Bem, tenho que dizer, esta vez, aos grandes senhores que a interferência na minha pesquisa por certas pessoas da FUNAI foi intolerável, destrutiva, e desmoralizadora. Eu já tinha chegado oito vezes anteriormente, entre os Canelas e nunca foi assim, entre 1957 e 1975.

Neste relatório, não estou pessoalmente fazendo uma reclamação dentro estas certas pessoas da FUNAI, estou somente escrevendo um relatório aos respeitados senhores para que eles possam saber sobre o tipo e o tamanho da interferência.

Depois de duas prorrogações (da minha parte), recebi uma autorização da FUNAI assinada pelo Presidente para permanecer na área Canela entre 1/7/78 a 31/12/78 e também entre 1/4/79 a 31/12/79 (nº 043/78). Já tinha esta autorização na minha posse quando encontrei, completamente por casualidade, com a Dra. Lux Vidal, antropóloga do Departamento da Universidade de São Paulo. e com o Sr. Rafael José Meneses Bastos, antropólogo e assessor da FUNAI, tomando café perto do Hotel Nacional em Brasília. Discutimos o assunto de minha ida para os Canela, e era bem clara a mim que eles não gostaram do fato de que eu já tinha recebido uma autorização oficial para permanecer entre os Canela por tanto tempo.

Mas tarde, visitei o Presidente Ismarth de Araújo Oliveira da FUNAI, e outra vez encontrei, no edifício da FUNAI, com o Sr. Rafael Bastos, e a hostilidade dele para mim foi bem clara. Ele disse que ia encontrar comigo logo na Barra do Corda (o município dos Canela), e aconteceu assim mesmo.

Na Barra do Corda eu tive uma conversação muito desagradável com o Sr. Rafael Bastos junto com o Sr. José Porfírio Fontenele, de Carvalho, o Sub-delegado e chefe da Ajudância da FUNAI naquela cidade. Era claro que o Sr. Bastos queria provocar hostilidades

verbais comigo e que estava transmitindo seu ponto de vista de ser contra mim ao Sr. Carvalho.

O Sr. Bastos queria que o Sr. Gilberto Azanha, um estudante de antropologia da Universidade de São Paulo, que já tinha passado tempo entre os Canela, permanecesse entre estes índios no meu lugar, e disse que o Sr. Azanha esteve pronto para chegar a Barra do Corda. Neste ponto na discussão, o Sr. Carvalho virou-se para o Capitão Pedro Gregório, o cacique dos Canela da aldeia dos Escalvados, e perguntou quem era que o Pedro queria que permanecesse na aldeia, o Crocker ou o Azanha? Felizmente, para o pesquisador que tinha chegado de muito longe, o Pedro preferiu o Crocker. Em pouco, o Sr. Bastos saiu deixando umas palavras de ameaça, como não se esquece do Azanha. (Fiquei imaginando que eu tinha feito a primeira petição para chegar entre os Canelas lá no dezembro do 1976, mas que apesar disto, o estudante Azanha quase tinha tomado meu lugar no 7/1978, um ano e meio mais tarde.)

No mesmo dia, o Sr. Bastos me pediu para escrever um relatório para o Presidente da FUNAI no assunto de "minhas alterações feitas entre os Canelas durante meus vinte anos" de estadas intermitentes. Passei três dias somente escrevendo este relatório, mas um amigo brasileiro me avisou que o Sr. Bastos não tinha autorização para me mandar fazer um relatório desta natureza, e que só me atrapalharia se chegasse na FUNAI em Brasília, mesmo se o relatório fosse a meu favor. Foi por isto que guardei o relatório. Ainda tenho este documento. (Uma cópia Xerox é submetido anexo a este relatório.)

Logo depois, o Sr. Carvalho, ele mesmo, me pediu para fazer um outro relatório sobre o sistema dos manuscritos e fitas que eu tinha instalado entre os Canelas, explicando tudo para o Presidente da FUNAI. Esta vez, achei que eu tinha que fazer o relatório, e fiz, perdendo dois dias adicionais da pesquisa, e mandei-o aos amigos em Brasília para ser entregue ao Presidente, mas outra vez os amigos brasileiros devolveram o relatório a mim, dizendo que se a ordem para escrever tal documento não fosse escrita, eu não tinha que obedecê-la. Mas, efetivamente, eu tinha perdido uma semana de tempo na pesquisa nesta maneira. (Custa muita energia para escrever um relatório numa língua estrangeira e datilografá-lo.)

Durante o tempo que eu ainda estava na Barra do Corda, uma noite, o Sr. Carvalho me convidou a jantar na casa dele,

e trazer meus slides e filmes super-8. Fiz isto, e ele projetou os slides e filmes super-8 para o grupo da família dele.

A metade destes objetos foram já marcados nas caixinhas como doações (certamente dadas) da Smithsonian Institution ao Museu do Índio, e a outra metade de caixinhas já marcadas como doações para a 6ª Inspeção da FUNAI em São Luís. O Sr. Carvalho, em efeito, disse que ele queria todas estas matérias, e por causa da maneira dele, eu mesmo tinha medo de recusar. Foi assim que o Museu do Índio perdeu uma coleção de slides e de filmes de super-8 tirados nas aldeias Canelas no 1975. (Mais tarde, vou refazer esta coleção para o Museu do Índio.)

Numa entrevista individual com o Sr. Carvalho, ele me informou o que eu podia fazer e o que eu não podia fazer entre os índios Canelas. Em primeiro lugar, eu não pude mais dar qualquer remédios. Eu perguntei se eu podia dar ao menos a aspirina. A resposta foi negativa. (Naquele momento eu estava me lembrando das vidas Canelas que eu tinha salvado, as de mordida de cobra, 1958 e 1964, e de pneumonia, etc.) Também determinou que eu não comprasse qualquer gado para qualquer festival. (Logo, eu pensei como é que eu iria pre-arranjar com os Canelas, não vão ficar com vergonha se eu aproveitar das festivais deles sem eles receberem nada de mim de volta.)

Pois, a oposição do Sr. Carvalho à minha presença na aldeia era bem claro antes de minha chegada na aldeia. O papel nesta situação do Sr. Rafael Bastos também era bem claro.

Uma vez na aldeia recebi uma carta de amigos em Brasília. Eles me avisaram que havia muitas queixas contra mim feitas por certos partidos dentro da FUNAI que vieram de certos grupos de antropólogos fora e dentro da FUNAI. Foi por isto que eles me aconselharam a nunca emprestar dinheiro e a nunca dar qualquer coisa de graça, e a nunca ajudar (mesmo "ajudar") os índios em qualquer maneira. Disseram que o Sr. Carvalho estava bem pronto para fazer reclamações oficiais contra mim se eu fizesse estas coisas. (Logo, eu pensava, "como é que eu vou dar o "tributo" tradicional ao cacique? Ele não vai gostar mais de mim. Como é que eu vou resistir aos pedidos dos escritores por empréstimos que eles iam mesmo me repagar no fim do mês quando seu dinheiro chegar? Estes Canelas vão pensar que eu sou muito sovina, o valor mais ruim no pensamento Canela." Eu pensava também, "Como é que eu vou filmar as festas, gravar as cantigas, e tirar chapas de indivíduos sem dar qualquer coisa na volta para ajudar eles?"

Eu pensava bem logo que este "eixo", Bastos-Carvalho, certamente tinha o motivo de destruir meu bom raport como antropólogo entre os Canelas. E também eu me perguntei, "Isto é para servir qual grupo de pessoas fora da FUNAI?")

Os conselhos que vieram de amigos em Brasília enfatizaram: trabalhe dia e noite; faça somente as coisas mais importantes; qualquer dia sua autorização pode ser cancelada. Pois, minhas pretensões tinham sido para passar agosto só me aperfeiçoando na língua e setembro só fazendo o recenseamento da primeira aldeia dos Escalvados, e outubro só pesquisando na outra aldeia Canela, a aldeia dos Porquinhos. Botando o foco na língua primeiro, eu podia ter a desenvolvido e a usado melhor e por mais meses. Fazendo o recenseamento bem logo, eu podia ter reconhecido e reestabelecido minhas boas relações entre os Canelas mais rapidamente--o raport--que o etnólogo necessita para informações. Andando nos Porquinhos bem logo, teria sido importante para evitar que o ciúme surgisse entre eles contra mim. Mas, o aviso de apressar a pesquisa e de fazer somente as coisas mais importantes forçou uma renovação das prioridades e dos planos, o que prejudicou muito a pesquisa. Peguei logo no assunto mais importante--o estudo dos festivais e das cerimônias e depois disto, o estudo dos assuntos pan-Jê do Norte.

Eu tinha pretendido sair do país no fim do novembro para passar o Natal com a família em Washington, mas considerando a probabilidade que eles não me deixariam voltar no abril, como já foi constado na minha autorização da FUNAI, eu era forçado a ficar até o fim do ano, incluindo o Natal, para ao menos aproveitar o máximo tempo na pesquisa. Foi só no primeiro do Janeiro que minha nova autorização da FUNAI chegou, deixando-me permanecer entre os Canelas durante o ano 1979 inteiro.

* * *

Não tive qualquer interferência em janeiro, mas aconteceu uma coisa interessante e desmoralizadora. O dinheiro que sempre gastei para comprar remédios para os Canelas e que eu fui proibido gastar assim este ano, ofereci ao Sr. Carvalho para comprar remédios para as duas tribos Canelas. Pedi numa carta por um recibo do Sr. Carvalho pelos remédios comprados da farmácia, e pedi também para receber relatórios dos remédios recebidos nos dois Pôstos das duas aldeias. Isto facilitaria a prestação de contas com meu museu. No fim das contas, recebi somente os

recibos da farmácia no meu nome e nada assinado pelo Sr. Carvalho pela FUNAI, e me faltiam os relatórios dos remédios que chegaram nos Pôstos. Não tenho qualquer prova que CR\$15.000,00 de remédios foram recebidos pelo Pôstos. (Eu tinha oferecido CR\$10.000,00 primeiramente mas eles pediram mais CR\$5.000,00 e eu cedi.) Fiz esta doação para que ao menos eu pudesse dizer aos Canelas no pátio que eu tinha comprado remédios para eles no lugar de gado ou outras coisas que eles valorizavam--em troca por eu tirar muitos retratos, filmar as festas, e em gravar tantas cantigas. Na tradição deles, uma pessoa de fora não pode andar na aldeia de graça. Cada Canela espera ganhar uma coisinha dele, e se não fosse assim, eles estariam com uma vergonha grande de ser "usados" pelo forasteiro. Nos anos passados, raramente dei coisas de graça (fora de remédios); mas troquei machados e outras coisas por enfeites, e comprei gados e cereais como contribuições aos festivais e cerimoniais que eu estava vendo e estudando. Este ano, porém, era proibido de dar remédios, era proibido na minha chegada na Barra do Corda de dar qualquer coisa de graça no pátio aos índios para que todos os índios ganhassem uma coisinha de mim e ficassem alegres, e era impossível o troca por artesanatos porque este processo estava nas mãos dos dois índios que eram os donos das lojas.

Estou de acordo que algum dia os Canelas não devem esperar de receber coisas de graça. Sempre resisti aos pedidos dos Canelas novos, mas as vezes dei aos mais velhos. Receber muitas coisas de graça de pessoas de fora, é uma tradição antiga dos Canelas. Isto está fundado nos mitos, na política do S.P.I., e é visto como o dever de qualquer visitante, mesmo o antropólogo. Também é exigido pelo chefe e pelo conselho dos velhos publicamente. Como é que esta tradição pode ser quebrada tudo de uma vez? Mas, foi isto mesmo que o Sr. Carvalho queria de mim--que eu ficasse como a pessoa que não daria nada--uma pessoa ruim para as Canelas. A intervenção maior na condução da pesquisa foi isto mesmo.

Os Canelas não estão morrendo de fome, mas tem dias em que passam fome. É por isto, é por causa da tradição forte em relação a forasteiros, e é por causa da vergonha de ser "usados"--outros ganham dinheiro por estar entre eles--que o forasteiro tem que gratificá-los bem.

O primeiro antropólogo entre eles, o Curt Nimuendajú, fez isto muito bem, e deixou uma tradição que teria sido difícil a quebrar. O SPI, até 1954 ou 1956, continuava nesta tradição de paternalismo e de dar muitas coisas de graça. Eu cheguei

primeiramente entre os Canelas no 1957, e ganhei esta herança. Eu tinha que mandar por dinheiro adicional (para manter um raport bom entre eles, porque eu tinha um período em que eu não estava contribuindo bastante e eu estava perdendo o raport bom que eu tinha recebido como uma herança do Nimuendajú.

* * *

Continuando com os acontecimentos dos períodos da pesquisa no campo, nos meados do fevereiro eu me senti muito cansado e com necessidade de passar poucas dias na Barra do Corda entre amigos. Escrevi para um carro chegar às oito horas de manhã numa sexta-feira mas o carro não chegou. Às onze horas, um radiograma foi recebido no Posto mandado pelo Sr. Carvalho, dizendo que ele não tinha deixado o motorista receber a chave do portão da área indígena Canela porque eu não tinha escrito pessoalmente a ele para pedir a licença que ele desse ao motorista a chave do portão. Nunca havia sido necessário pedir a licença dele anteriormente para usar a chave do portão. Se fosse para criar uma nova lei, ele poderia ter dado um aviso sobre a nova lei anteriormente em vez de me perturbar assim.

No fim do março eu estava envolvido num problema com o Sr. Jack Popjes do Instituto Linguístico de Verão (SIL). O Sr. Popjes tinha licença mesmo do Presidente da FUNAI para "deslocar" oito índios canelas "da aldeia" para trabalhar com eles em pares, dois por cada saída da aldeia, como ajudantes linguísticos, na Barra do Corda. Pois, um radiograma chegou na aldeia dizendo que o Sr. Carvalho não ia deixar isto acontecer porque ele não queria que o Sr. Popjes tirasse os meus ajudantes de mim. Mas, na reclamação oficial contra mim que ele mandou a Brasília, amigos me disseram que o Sr. Carvalho declarou que o Sr. Jack Popjes não recebeu qualquer ajudante da aldeia porque eu estava segurando-os, empatando a saída deles. A verdade é isto mesmo: Os Canelas selecionados pelo Sr. Popjes, e autorizados pelo Presidente da FUNAI para saírem da aldeia, não saíram da aldeia para trabalhar com o Sr. Jack Popjes na Barra do Corda porque eles estavam com medo do Sr. Carvalho. Este sub-delegado nunca deu a ordem para eles não saírem da aldeia. Os Canelas só souberam que o Sr. Carvalho não queria que eles trabalhassem com o Sr. Popjes e estavam com medo de desobedecer o que o Sr. Carvalho queria. Foi assim que a

autorização do Presidente da FUNAI fosse anulada.

Foi naquele tempo no fim do março e na primeira parte do abril que eu tinha uma aproximação pequena com o Sr. Carvalho. Foi por causa disto que ele me pediu para fazer tres coisas em São Luis, quando fui lá para visitar minha senhora e filho pela primeira vez em nove meses. (A separação, como foi planejada, era de um prazo de somente cinco meses.) O Sr. Carvalho me pediu para fazer um discurso para a Comissão Pro-Índio procurar na biblioteca pública por uma citação sobre os limites das terras dos índios Guajajaras, e a falar a uma pessoa para encontrar uma outra pessoa para servir como editor dos meus filmes super-8 dos Canelas que agora estavam na posse do Sr. Carvalho. Fiz esta última petição, mas as primeiras duas pedidas foram políticas e teriam me botado numa posição contra a FUNAI de São Luis. Não fiz o discurso e nem procurei a citação, mas o filme foi editado. Assim fiquei mais uma vez no lado "dos inimigos dos índios" no pensamento do Sr. Carvalho.

Era para ir à aldeia dos Porquinhos em maio. Eu tinha prometido de ir em outubro mas não fui por causa de medo de perder a autorização da FUNAI a qualquer hora, e por isto eu tinha que fazer primeiro as coisas mais importantes. Em maio não era assim, mas tinha um problema diferente. Em qualquer semana ia chegar o Projeto Agrícola de Desenvolvimento do Dr. Hélio Rocha e por isto eu ia perder a ajuda (justamente, não tenho queixa aqui) do Raimundo Roberto, o meu interprete especial. Pois, pensei que fosse mais importante trabalhar com Raimundo pelo tempo livre restante a ele fora do Projeto do que ir aos Porquinhos em maio. Pois, resolvi ir em agosto em vez do maio, mas vamos continuar com este problema mais tarde.

* * *

No primeiro do julho, chegaram na aldeia três denúncias de mim feito pelo Sr. Carvalho. Na primeira (CFICIO Nº 017/AJBC/79) ele me acusou de ter oferecido uma gorjeta a um motorista da FUNAI: Francamente, eu não soube que isto fosse contra a lei, e acho que o documento de denúncia contra mim mostra certas características pessoais do escritor que são muito interessantes. Um amigo disse depois de ler a denúncia, que se a gente não oferecesse uma gorjeta a certos motoristas no interior, a carta

dada a este motorista seria capaz de ser jogada no mato. Sinto-me muito de ter feito este ato "ilegal", mas não foi feito expressamente para fazer mal a sensibilidade do motorista.

Na segunda denúncia (OFICIO Nº 018/AJBC/79), me acusa de mandar índios velhos na Barra do Corda como portadores de simples cartas. O índio, "...Pedro Maximiano é um sexagenário, depalperado e com problemas de visão, portanto sem condições físicas de empreender tamanho viagem." O fato é que o Pedro Maximiano foi escolhido como meu portador pelo cacique da tribo, não escolhido por mim; ele tem ao redor de 57 anos de idade no máximo, tem costume de fazer estas viagens em pé, e ele gosta de fazê-las. Setenta e quatro quilômetros são poucos por esta tribo de atletas carregadores de tóras grandes em corridas, e de caçadores. Dei a ele CR\$200,00 na saída da aldeia; ele recebeu CR\$200,00 na Barra fornecido de minha ordem; e ele recebeu CR\$200,00 na volta. Claramente, ele não foi "obrigado a mendigar!" (como é escrito na denúncia), tinha dinheiro para alimentar-se, e ele não "esteve ingerindo bebidas alcoólicas" segundo o índio que dormiu ao seu lado, ambos em redes. O Pedro Maximiano mesmo tinha dinheiro para pagar o seu alojamento o que eu teria reembolsado a ele na sua volta, mas ele preferiu de rânchar na casa da FUNAI. Também ele não estava levando "uma simples correspondência"; era mesmo umas cartas de emergência. Levou na Barra do Corda várias cartas importantes sobre a chegada de minha esposa e filho, e o segundo portador trouxe um telegrama importantíssimo de minha esposa. Ele foi mandado mesmo na minha esperança de receber este telegrama. Outra vez, a linguagem deste OFICIO Nº 018/AJBC/79 mostra ao leitor muitos aspectos característicos da personalidade do escritor. Quase todos os dados são falsos. O escritor não esperou para procurar saber a verdade. Os Canelas estão pela tradição deles treinados para fazer estas viagens; foi o cacique da tribo, ele mesmo (digo outra vez), que escolheu o Pedro Maximiano como o meu portador de emergência, etc.

Na terceira denúncia (OFICIO Nº 019/AJBC/79), estou re-acusado das mesmas coisas. Além disto, infelizmente, o terceiro portador, de 33-35 anos, teve um prejuízo leve em um pé. Quando ele chegou à aldeia depois de tres dias de ausência, ele não tinha nada de mal no pé. Foi uma sorte má para mim; qualquer homem Canela desta idade pode fazer esta viagem facilmente sem fazer-se mal. Ele levou o telegrama para a minha senhora receber na sua chegada em Belém, dirigindo-a para não chegar na Barra do Corda diretamente, como ela tinha dito que ia fazer no telegrama, mas eu tinha que dirigí-la a ir a

São Luis porque a autorização dela para entrar na área indígena não tinha saído de Brasília. (Tínhamos que esperar em São Luis onde há o serviço telefônico interurbano.)

Eu tenho confiança que os grandes
vão reconhecer a natureza destas denúncias e que vão estender estes reconhecimentos às outras acusações nos jornais e nos outros OFÍCIOS da FUNAI da Barra do Corda.

Depois de receber estas três denúncias na aldeia cheguei na Barra do Corda e conversei com o Sr. Carvalho. Digo mesmo que a gente tem que ter medo desta pessoa porque ele torce as palavras de qualquer pessoa. Eu estava levando uma carta escrito pelo Raimundo Roberto Caapêr-tic, pedindo licença do Sr. Carvalho para eu emprestar CR\$4.000,00 ao mesmo Raimundo e CR\$4.000,00 ao outro dono das duas lojas Canelas, Aristides, para que eles pudessem comprar alimentos como arroz, feijão e sardinhas para que seu povo pudesse aguentar bem o jejum grande da Semana Santa. O Sr. Carvalho deu a mim esta licença verbalmente, e eu dei emprestado o dinheiro aos dois Canelas. Aprendi mais tarde por amigos que estes empréstimos "autorizados" foram o assunto principal de uma outra denúncia oficial contra mim mandada a Brasília.

Durante este período dois amigos pessoais (brasileiros) me aconselharam, independentemente um de outro, de não voltar a tribo Canela durante o tempo que o Sr. Carvalho estava ainda na Barra do Corda, porque um estrangeiro decente não tinha a capacidade de lutar contra as táticas deste tipo de pessoa. Disseram mesmo em julho que eu ia terminar a pesquisa com a autorização cancelada e com uma "sujeira" grande ligada ao meu nome, e estes amigos e conselheiros mesmo tinham razão. É mesmo assim agora. Mas, voltei à tribo porque minha senhora e filho estavam chegando também como o equipe Museu do Índio--Smithsonian de filmagem.

* * *

Na saída de minha senhora e filho (ela já tinha estado na aldeia seis vezes), estive com eles na Barra do Corda e fui para conversar com o Sr. Carvalho. Foi neste tempo que os aposentados da aldeia dos Porquinhos estavam na Barra do Corda para receber seu dinheiro. Eu estava passando algum tempo conversando com eles

na língua deles quando o Sr. Carvalho me chamou para entrar outra vez no seu escritório. O cacique novo da aldeia dos Porquinhos, o Moisés, esteve lá e ela logo nas primeiras palavras) me confrontou em português com seu desejo que eu não chegasse na aldeia dele. Eu fiquei de acordo, reconhecendo bem o que tinha acontecido. Mais tarde no mesmo dia, encontrei com este cacique dos Porquinhos na rua, e ele agiu numa maneira bem favorável a mim. Ainda mais tarde, ele me mandou um convite para chegar nos Porquinhos para assistir uma certa festa de milho. Claramente, o Sr. Carvalho controlava as palavras do cacique neste momento do encontro com ele no escritório. O cacique falou em português em vez de na língua.

Infelizmente, eu não podia ir nos Porquinhos em agosto porque o equipe Museu do Índio--Smithsonian de filmagem estava na primeira aldeia dos Escalvados, e eu tinha que ajudá-los. Teria sido difícil, ou faltando em bom senso, tentar uma viagem aos Porquinhos mesmo em setembro depois da saída da equipe porque o encarregado de lá era "a primeira pessoa"-- o substituto mesmo--do Sr. Carvalho, e ele teria contado muitas histórias contra mim ao Sr. Carvalho. (Felizmente, isto não era a situação na aldeia dos Escalvados.) Foi por estas razões que nunca fui aos Porquinhos nos 1978-79 (sentindo apressão de Brasília no 10/78 e o medo de acusações falsas no 9/79, os períodos mais possíveis.) O fato é que não fui aos Porquinhos por causa de uma interferência grande na parte da FUNAI. O resultado foi minha alienação pela tribo Apaniëkra dos Porquinhos.

* * *

Foi em agosto que chegou à minha atenção a primeira denúncia contra mim num jornal, O Estado do Maranhão, São Luis, 15/08/79 (transcrito do Jornal de Brasília). O autor, Memélia Moreira, me acusou de ter formado "uma casta" que cria "...uma inimizade dentro dos índios o que mais cedo ou mais tarde pode chegar ao conflito." Eu tinha um grupo de escritores. Este processo de escrever diários começou no 1964 com tres escritores que tinha aprendido a escrever na década '40 numa escola do S.P.I. na aldeia. (Ensinei, eu mesmo, sô um Canela, o Raimundo Roberto, a escrever na língua, e a traduzir

estas páginas para o português. Isto foi o único ensinamento de linguística que fiz na aldeia. Isto não era meu papel.) Os outros dois Canelas escreviam em Português. No 1971, convidei dois outros a escrever, e no 1975 quatro Canelas adicionais começaram a fazer diários para mim. Foram escolhidos para representar tres das quatro classes de idade. (A quarta classe de idade era velha e não tinha qualquer escritos.) Em 1979, uma dúzia de Canelas estavam escrevendo, incluindo uma mulher; todos eles tinham aprendido fora de mim. Dois escreviam em português, seis escreviam na língua deles (ensinados pelo missionário-linguista do Instituto Linguístico de Verão), e quatro escreviam na língua e traduziam suas coisas escritas para o português. (Haviam, só em 1978-79, ao menos, seis Canelas adicionais e bem novos, que queriam escrever para mim, mas achei que uma dúzia era bem bastante para representar a tribo.)

Parece que eu estou acusado de formar uma "casta" de uma dúzia de pessoas entre 600 índios. Foi esta "casta" baseada no dinheiro recebido? Aqueles que escreviam somente, ganhavam CR\$450,00 por mês por 45 páginas, calculadas como 15 horas de serviço, a tres páginas pela hora. Aqueles que traduziam, adicionalmente, recebiam CR\$900,00 per mês por 60 páginas. Durante este tempo de 1/4/79 a 30/9/79, o Canela pagava por dia entre CR\$40,00 a CR\$75,00 (dependendo do mês e da inflação) por uma pessoa trabalhar na roça do outro. Também, os 24 aposentados no FURURAL recebiam entre CR\$2.000,00 a CR\$3.000,00 por mês nesta época.

Se fosse uma "casta" baseada em dinheiro, temos que pensar nos 24 aposentados que ganharam bem mais do que meus escritores e que eram mais numerosos. Se fosse uma "casta" baseada na minha liderança, tenho que mostrar que eu estava presente na aldeia ao redor de 20% do tempo entre 1964 e 1979. De qualquer maneira, eu nunca usei estas pessoas, como um grupo apertado, para fazer qualquer coisa para mim. Também, temos que lembrar que entre 1938 e 1978, o SPI e a FUNAI davam salários regularmente a certos Canelas como se fossem empregados trabalhando e morando na cidade da Barra do Corda. Estavam recebendo muito dinheiro por morar no sentão. Chegaram a ser seis posições pagas a esta nível da cidade nas últimas décadas. Meus escritores queixavam de não receber a mesma quantia do dinheiro, mas eu explicava a eles que eles trabalhavam só poucas horas por mês, enquanto os empregados da FUNAI funcionavam todo o mês.

Dois dos escritores também faziam fitas de gravação para mim. Estou com muita prazer que cópias destes manuscritos e fitas estão nos arquivos do Museu-Goeldi, também como nos arquivos da Smithsonian Institution.

A.Sra. Memelia Moreira também me acusa "de adiar as festas dos rituais, para sua (minha) esposa assistir." Primeiramente, tenho que explicar que se as festas de verão fossem terminadas em junho ou novembro, isto não importaria aos índios Canelas. Isto é que, neste respeito, tem calendários cerimônias muito flexíveis. Em qualquer maneira, eu nunca adiei uma festa para minha senhora assistir, e nem para eu ver. Ficando na aldeia por todo o ano, o antropólogo não tem motivo para adiar festas. Deixem chegar quando chegarem. Queremos cerimônias feitas naturalmente ou não valem nada para nós.

Sobre criando "...uma inimizade dentro dos índios...", é bem certo que entre 600 índios, alguns que não sabem escrever vão ter ciúme daqueles que sabem escrever, e é só por isto que vão queixar contra mim. Isto é da natureza do ser humano. Encontra-se o ciúme em qualquer sociedade, mas entre os Canelas isto não pode chegar a ser um conflito entre grupos da tribo. Os Canelas são pacíficos entre eles. Estas queixas eram de pessoas descontentes com a vida geralmente. Sei quem são.

Apareceu em O-Globo, São Luis, 10/10/79, um artigo que foi escrito muito seriamente contra meu comportamento na aldeia. As acusações feitas pelo Conselho Indigenista Missionário--CIMI-- e pela Comissão Pro-Índio do Maranhão foram assim:

"...estaria promovendo a descaracterização da cultura e impedindo o desenvolvimento comunitário dos índios Kanela,..." Também ele "...teria convencido os Kanela a alterarem o calendário de suas festas religiosas para que coincidam com o período em que ele esteja no Maranhão."

2 "O representante regional do CIMI, padre Carlos Ubiali, disse que o antropólogo é o responsável também por uma situação de servilismo e dependência e pela desorganização da economia tribal...teria estimulado os Kanelas a se desinteressarem das atividades agrícolas em troca de salários, gorjetas, donativos e presentes que criam uma economia falsa e descaracterizadora.

Estes fatos foram constatados pelo missionário (padre Carlos Ubiali) durante várias visitas que realizou à aldeia Escarvalo, em Barra do Corda."

Em resumo, há estes pontos:

- 1) descaracterização da cultura;
- 2) Impedindo o desenvolvimento comunitário;
- 3) alteração do calendário das festas;
- 4) servilismo e dependência;
- 5) desorganização da economia;
- 6) desinteressarem das atividades agrícolas em troca de salários, gorjetas, donativos e presentes que criam uma economia falsa e descaracterizadora.

Primeiramente, o padre Carlos Ubiali nunca andou na aldeia dos Escalvados entre os meses de 8/78 a 10/79 quando eu estive ali, ou eu teria sabido das suas visitas.

1) Descaracterização da cultura:

Sou eu que tinha feito muitas perguntas sobre a cultura antiga Canela para aprendê-la dos velhos da tribo, sempre valorizando a cultura deles. Sempre falei na valor da cultura deles mesmo quando alguns deles estavam em dúvida. Nego esta acusação completamente. Mesmo como o Curt Nimuendajú, eu também falava, as vezes, a certas pessoas, nunca publicamente, em favor das tradições culturais deles--as festas, os resguardos, os legumes antigos deles, como o amendoim, a batata doce, o inhame, etc.

2) Impedindo o desenvolvimento comunitário:

Eu ficava numa posição neutra: Não impedia; não ajudava. Eu estava ali para aprender, não para liderar ou ensinar. De qualquer maneira, isto é uma questão tão grande na história de uma tribo, que os efeitos da presença de uma pessoa--especialmente quando tinha muitas outras pessoas de fora--só pode ser um dos fatores menores. Nunca tomei um papel ativo em qualquer ocasião. Raramente falei no pátio ou em qualquer lugar publicamente. Há tantos fatores no desenvolvimento de qualquer comunidade: a liderança, o moral do povo, os valores e as prioridades culturais, a saúde e a nutrição, etc. Não pode me acusar de ter impedido o desenvolvimento comunitário. Meu papel na tribo era passivo e neutro. Eu especialmente não queria estudar os efeitos de minha presença, e por isto fiquei neutro.

3) Alteração do calendário das festas:

Já tratei de esta questão. O importante é que o calendário Canela é muito flexível. Muitas vezes deixam de fazer uma festa, ou uma certa outra festa do calendário, deixando a festa fora pela vontade deles mesmo. Uma alteração no calendário mesmo não é importante para eles, e por isto, uma acusação deste tipo não faz sentido. Além disto, eu não estava fazendo estas alterações no calendário das festas religiosas Canelas. Isto é uma acusação falsa. Entre 8/78 e 10/79 não fizeram todas as festas do calendário tradicional. Faltaram de fazer uma festa do calendário no fim do 1978, "O Encerramento da Wë'të". Atrasaram, também por dois meses de terminar a festa grande de ano no 1979, a festa dos Pepcahãc. Mas, isto não era uma coisa de importância ritual para eles. É por isto também que a acusação tem pouca importância--só tem importância teórica.

4) Servilismo e dependência:

A dependência é uma característica Canela muito profunda. Está nos mitos; está na religião; está nas festas; está na relação tradicional com os "civilizados"; está na relação entre o povo e o chefe, entre o povo e o pessoal da FUNAI. Eu nunca dei ordens, mesmo a um rapaz para que ele me trouxesse uma coisa. Noto que o pessoal da FUNAI sempre estão dando ordens, a qualquer índio, e eles tem que dá-las. Noto que o pessoal da FUNAI sempre mantem uma atitude de superioridade, e eles tem que fazer isto, são eles que mandam. Mas, eu não mandava ninguém, e eu não estava mantendo uma atitude de superioridade. Interessava-me muito a tendência dos Canelas de interromper minhas frases mesmo entre os grupos de ajudantes, quando eles estavam trabalhando comigo-me ensinando. Pôsto em contraste, eles não interrompiam o pessoal da FUNAI. Claramente, os Canelas não tinham medo de mim, e certamente eu estava numa posição sem autoridade. O chefe deles me deu ordens; eu tinha que obedecê-las. Esta questão de dependência em mim não faz qualquer sentido. Simplesmente, não era dependente de mim. Seiscentos pessoas não podem estar dependente de uma pessoa sem autoridade e com bem menos dinheiro a distribuir do que a FUNAI. Eu estava entre eles por 20 por cento do tempo entre 22 anos. Como é que eles podiam ter sido dependente de mim na minha ausência de 80 por cento do tempo?

"O servilismo" me bate forte; isto mesmo é uma acusação muito injusta. Eu comia entre eles; durmia num quarto numa casa deles. Em 1957, eu não tinha nem um quarto na casa do Paulo Adriano Crôotô, mas no 1958, ele fez um quarto para mim da vontade dele, sem eu pedir, e também colocou uma mesa e pratos e colheres para mim. Eu estava comendo com os dedos. Eles queriam que eu andasse como um "civilizado" entre eles, com uma rede e uma mesa e colheres e pratos. Se eu tivesse escapado depois da comida sem minha "irmã" (ou minha "mãe") ter botado água nas minhas mãos, ela teria ficado depreciada como "irmã" (ou como "mãe"). Se existisse qualquer aspecto de "servilismo", era porque eles queriam que fosse assim mesmo.

Eoram pacificados já faz 164 anos e tem o SPI na aldeia entre eles já faz 41 anos. Eles tem aprendido a respeitar a cultura da outra pessoa já faz tempo. Não era preciso dormir no chão entre eles para ganhar o respeito deles; teria sido o contrário. (Mas fiz uma vez com o grupo iniciando-se.) O antropólogo não está entre eles para ensinar-lhes "igualdade" ou para ficar no mesmo

jeito deles. Ele está na aldeia indígena para caber na cultura deles, e a cultura dos Canelas é uma cultura mista-- Canela-"civilizada".

O antropólogo está na tribo para ganhar bastante raport para aprender muita informação sobre a cultura deles. Paulo Adriano me chamava o seu "cunhado americano". Ele era muito correto. Não sou Canela mas sou mesmo o cunhado dele por adoção (= "irmão" da mulher dele), e eu agia assim mesmo, com um certo tipo de autoridade acima dele porque ele estava morando na minha casa de "nascimento", a casa de minha "irmã". Mas, eu nunca tinha qualquer autoridade geralmente.

5) Desorganização da economia:

Este assunto foi uma parte principal de minha pesquisa entre os Canelas durante os 22 anos. A desorganização econômica começou já faz dois séculos, antes da época de pacificação (1815). Neste século atual, o ano principal do decaimento foi o 1935 quando a tribo foi atacado pela alastrim que matou o último chefe forte, o Faustino, e muitos velhos também.

A economia Canela dependia muito do controle político pelo cacique dos quatro líderes das quatro classes de idade e do controle destes líderes sobre seu povo da mesma classe de idade. O cacique, por meio destes líderes, controlava o serviço conjunto feito nas roças pelos quatro classes de idade. Trabalhando juntos, faziam muito serviço; trabalhando sôzinhos, ou em grupos pequenos de família, faziam pouco serviço. Foi por causa do ataque de alastrim e da morte do cacique forte, o Faustino, que estas relações entre o cacique e os líderes, e estes líderes e o povo destas classes de idade foram quebrados para sempre. Estes laços políticos nunca foram re-estabelecidos. Também, o S.P.I., que chegou na aldeia em 1938, deu emprego permanente a dois dos líderes das classes de idade e, por isto, estes dois homens, líderes naturais em si mesmos, tinham que trabalhar para o Posto em vez de liderar seus grupos de idade. Foi assim que a fartura se acabou e a auto-suficiência agrícola também acabou. Aconteceu um ressurgimento de fartura na época quando o Sr. Olímpio Cruz for o encarregado dos Canelas da aldeia do Ponto, isto é, entre 1942 e 1947, mas depois de 1947 as Canelas nunca mais tiveram uma fartura econômica regular. Entre os meses de setembro a janeiro muitas pessoas tinham que trabalhar nas roças dos sertanejos que moravam ao redor da área indígena para ganhar bastante para comer. Isto chegou a ser o costume--uma parte integral do ciclo anual econômico. Raramente tinham um

encarregado do Pôsto que tinha bastante contrôle dos Canelas para mandá-los fazer serviço junto nas roças. Nem os caciques tinham ainda este poder. Mas, este poder está ressurgindo agora em 1979.

Assim, "a desorganização da economia tribal" tem uma história comprida e complexa, e houve muitos fatores que contribuíram diminuir o serviço nas roças. Não tem lugar aqui para contar a história de todos estes fatores, mas vou examinar a situação atual.

Fiz no fevereiro passado uma ligeira pesquisa mesmo sobre este assunto. Resultou que agora há tantas outras "distrações" que tem menos tempo para fazer o serviço das roças. Era anteriormente--roças e festas e roças e festas--mas agora, adicionalmente, neste ano recente, tem serviços do Pôsto, serviços fora da área indígena deles (Rodeador), muitos artesanatos para construir para pagar pelo novo tratorzinho, rapidamente demais pela ordem da FUNAI, artesanatos para fabricar para comprar querosene e pano e colieres e pratos e cinturões e fósforos e cigarros e calções, etc.

Também tinha chegado a ser uma vergonha grande, trabalhar nas roças dos sertanejos, e por isto alguns Canelas tinham que "robar" comestíveis das roças dos não-parentes Canelas, e por isto não valia a pena fazer roças grandes, só para alimentar aos outros.

Além disto, se estivesse com fome entre setembro e janeiro, poderia comprar sardinhas e biscoitos e outros comestíveis nas duas lojas novas da aldeia, por troco de artesanatos. Assim, foi, principalmente, a nova "necessidade" de comprar muitas novas "necessidades" pela nova possibilidade de ganhá-las pelo troco de artesanatos feitos a qualquer hora para acabar com a fome de momento que estava tomando o tempo de serviço nas roças e que estava tirando o interesse do povo fora das roças. Estou muito certo desta análise.

Esta nova possibilidade de ganhar as novas "necessidades" em troco de artesanatos foi criado pelo Sr. Carvalho quando ele estabeleceu esta nova rede para vender muitos artesanatos em várias cidades distantes. Isto era uma coisa muito boa porque facilitava a entrada de coisas como querosene e roupa que iam "civilizando" os Canelas e levando-os no rumo da integração nacional; mas na mesma hora necessitava uma ênfase e uma nova liderança para aumentar o serviço nas roças porque a nova facilidade em que era possível vender artesanatos para ganhar comestíveis instantaneamente estava tomando o lugar de importância

do serviço nas roças. Começava a existir uma alternativa mais fácil do que o trabalho difícil no sol quente das roças.

Numa viagem de caminhão da FUNAI para a Barra do Corda, tantos artesanatos foram levados fora da aldeia e comprados pelo Sr. Carvalho que um dos donos das duas lojas voltou na aldeia com CR\$22.000,00 e o outro dono voltou com CR\$18.000,00. Deve ser que este processo foi repetido ao menos seis a oito vezes entre 8/78 e 10/79. Em si mesmo era uma coisa boa e importante para o desenvolvimento comunitário dos Canelas. Não é nada de mal com isto, na minha opinião. Tem que levá-los ao rumo de integração nacional e uma maneira de fazer isto é mesmo de acostumá-los com as "coisas" da "civilização". Tem que criar "necessidades" pelas "coisas" e as "coisas" vão criando novas idéias e valores. Mas, é preciso uma balança. Não deve andar neste rumo rapidamente demais ao sacrifício dos outros fatores e setores culturais. O "materialismo" não traz com ele a felicidade, e neste caso específico dos Canelas, estavam esquecendo-se das roças--a base principal do sustento alimentar. Se pudessem comprar as novas "necessidades" nas lojas pela fatura das roças, é isto que seria a solução importante para levar os Canelas ao rumo da integração nacional. (Mas, necessitam de novos valores e prioridades também para evitar os prejuízos dos excessos de materialismo.)

É por isto que é muito bom saber que o foco principal da FUNAI no ano que vem (1980-81) vai ser mesmo nas roças, e também na escolha de liderança especial para o serviço junto, nas roças pelo encarregado, muito bom, do Pôsto, o Sr. Sebastião Vitor Pereira, e pelo povo do novo Projeto Agrícola que vem de Brasília do Dr. Hélio Rocha. Espero que isto vai retificar a falta de balança dos dois anos passados causada pela ênfase na venda fácil dos artesanatos.

Considerando o volume grande deste sistema de venda de artesanatos e também o tamanho dos salários dos aposentados da FUNRURAL ao lado dos meus pagamentos para os manuscritos e fitas, e para as transcrições e traduções das palavras dos filmes, das combinações no pátio e das audiências judiciais, a minha contribuição a economia Canela não foi muito grande, comparativamente. Além disto, geralmente, os meus escritores faziam roças maiores do que a média feita pelos outros Canelas.

Em resumo, "a desorganização econômica tribal" é uma coisa muita complexa, envolvendo muitos fatores. Dizer que eu fosse a pessoa responsável, tem que ser uma acusação irresponsável.

6) "...Desinteressarem das atividades agrícolas em troca de salários, gorjetas, donativos e presentes que criam uma economia falsa e descaracterizadora."

Já tratei de certos aspectos desta acusação, mas vou escrever de novo sobre este assunto de um ponto de vista diferente. Para mim, "...desinteressarem das atividades agrícolas..." teria sido feito pelo troco de artesanatos pelas "necessidades" novas nas lojas novas a uma rapidez grande demais.

Mesmo do começo em 1964 quando os tres escritores começaram a escrever manuscritos, eu sempre falei a eles que se largassem de fazer roças, eu ia botá-los fora de escrever para mim. Mas, não era possível para eles largar de fazer roças porque o serviço de manuscritos em horas por mês não era suficiente para pagá-los bastante para que eles pudessem sustentar-se somente nos manuscritos. Eu sempre acentuava o serviço nas roças mesmo na década passada.

Como eu já disse, a gente tem que pagar bem pelos serviços deles, e eles acreditam que cada um deles tem que receber umas coisas por causa da mera presença do visitante, se ficar muito tempo. Se não, nós estamos aproveitando deles segundo os pensamentos deles, só por estar na aldeia.

O antropólogo só pode receber informações certas por meio de ganhar um raport bom entre eles. É por isto que é bem necessário descobrir um meio de entregar umas coisinhas a cada um deles. Eles sentem fortemente que eles tem que receber uma coisa da pessoa, ou a pessoa não gosta deles. As vezes, so um pedaço de papel para fumar traz com que eles vão embora satisfeitos.

Entre 1957 e 1971 era possível na primeira chegada na aldeia dar coisas no pátio de graça, como se estivesse pagando uma remuneração de entrada--fumo, pólvora, chumbo, rapadura, pano, etc. O pessoal da FUNAI que chegavam de longe faziam assim.

Em qualquer maneira, eu não gostei de dar muitas coisas de graça. Sempre, mesmo do começo no 1957, lutei contra esta exigência deles. A exceção foi que sempre dei remédios; nunca vendi remédios.

Uma solução grande a exigência de cada pessoa receberem uma coisinha, encontrei na maneira de fazer os recenseamentos.

Os Canelas passam a maior parte do tempo fora da aldeia. e quando estavam na aldeia, todos juntos para fazer uma festa, não teria sido uma boa ocasião para fazer um recenseamento. Eu tinha que estudar as festas nestas ocasiões. Mas, para fazer o recenseamento, precisei de duas ou tres horas do tempo de cada

família porque um recenseamento não é uma questão de só contar cabeças e de escrever nomes, era a hora de fazer uma série de perguntas regulares--um questionário--para que certos aspectos pudessem ser quantificados. Aliás, muitas vezes todas as pessoas da família extensa tinham que chegar da roça para o dia certo do recenseamento deles. (Eu fazia entre tres e cinco casas por dia.) Tinha que ver e falar com todas as pessoas adolescentes e adultos da família para ganhar certas informações e para estimar as idades dos menores. Assim, cada pessoa tinha que ganhar uma coisa para eu ganhar sua presença. Era impossível eu mandá-los chegar na aldeia no dia designado para ajudar no recenseamento deles porque eu não tinha tais poderes. Mesmo, nem o S.F.I. nem a FUNAI nem o cacique podiam arranjar esta chegada na aldeia das famílias no dia certo deles.

Este recenseamento acontecia só uma vez numa estadia comprida, mas o troco de coisas--artefatos por, por exemplo, facões--no recenseamento era bastante para satisfazê-los naquela época. As crianças ganhavam pequenas coisas de graça--biscoitos ou bombons; os adultos ganhavam o direito de trocar enfeites por coisas maiores como machados, facões ou pano (nunca uma coisa tão grande como uma espingarda). Se uma pessoa não aparecesse para o recenseamento--na hora de tirar retratos, no dia mais tarde de trocar coisas por enfeites, eu não trocava com esta pessoa, mas foram poucas que não chegaram. Os machados ou facões, ou cortes de pano, foram limitados em número, e divididos entre as casas, pode ser dois facões e um machado para uma família extensa. Tentei de alcançar cada pessoa com uma coisa (cinturão, calção, miçangas, etc.). Isto era um sistema de troca--só coisas de valor pequeno foram dada. Eu estava ensinando-lhes a trocar em vez de receber de graça o que eles pensavam era um direito deles de receber de graça, segundo seu mito de Aukêê, em que o "civilizado" deve todas as coisas aos índios. Uma pessoa boa dava, uma pessoa que não dava era ruim.

Foi assim que eu ganhei um bom raport entre os Canelas nas décadas '50, '60, e '70 até '75. É isto o que é tão necessário para receber informações certas entre os Canelas. (O costume do Canela é de mentir facilmente ao forasteiro.) Era por trocar por enfeites e por pagar bem por serviços que ganhei, nos pensamentos deles, ser "uma pessoa boa" entre eles; e era por tratá-los como amigos, como pessoas respeitadas, o por conhecê-los como indivíduos que ganhei os seus sentimentos de ser bemquisto entre eles. Foi assim, também, que eu estava lutando contra os

desejos fortes deles de receber coisas de graça--o crédito direito deles.

Dei dinheiro aos escritores em troca de manuscritos. Tem-se que fazer isto em qualquer parte do mundo. As vezes, especialmente para os velhos, ou no cacique (=tributo), ou aos aleijados, dei coisas de graça, mas isto era necessário, segundo os pensamentos deles--não foi uma coisa que eu criava--mas lutei uma batalha grande, do começo, no 1957, para pagar o preço justo por serviços e para pagar a quantia correta por alimentos.

Em resumo, eu raramente dava gorjetas, donativos e presentes, e estas contribuições não foram bastantes para desinteressá-los nas rogas, mas eu tinha que pagar dinheiro por serviços regulares. Também, a quantia destes presentes e "salários" era pequena quando pôsto em contraste com os seis salários regulares dos empregados Canelas do S.P.I. e da FUNAI, e com os salários dos aposentados atuais, e com a compra e venda de grandes quantidades de artesanatos nos tempos recentes. Assim, esta questão de eu criar "uma economia falsa" pode ser dito só por uma pessoa que não saiba dos outros fatores econômicos contribuindo ao volume grande de dinheiro fluindo na economia Canela. Esta acusação é simplesmente incorreta.

No mesmo artigo de O Globo (São Luis 10/10/79) tem "...estuda os Kanela há cerca de 20 anos, períodos considerados 'excessivo' por outros antropólogos, tendo em vista, principalmente, os escassos resultados que apresenta; até agora o pesquisador conseguiu apenas alfabetizar alguns Kanela na língua nativa e publicou um pequeno artigo sobre um episódio isolado da história daqueles índios."

A apresentação acima mostra uma grande falta de compreensão. O maior parte dos antropólogos modernos estão voltando e voltando à mesma tribo porque mesmo passando uma vida inteira numa tribo, a pessoa não vai aprender tudo, e para fazer um estudo muito bom, é melhor aprender a língua, o que custa anos. Atualmente, é de mais valor profissional aprofundar-se numa cultura do que sair com um levantamento raso o que não mostra nada do funcionamento, da maneira de mudar, e das várias estruturas da sociedade. Na época antiga de antropologia, isto era até, pode ser, 1950 era importante, ao menos, tirar levantamentos rasos ou superficiais de uma sociedade tribal, antes de que a sociedade pudesse desaparecer, mas agora com tantas tribos já estudadas nesta maneira superficial, tem chegado a ser mais importante aprofundar-se na cultura e na psicologia do povo, e é isto que custa mais tempo--uma vida inteira preferivelmente.

Além disto, escolhi a tribo Canela em 1956 porque era já estudada e eu queria fazer um reestudo de prazo longo e continuar com este estudo histórico por toda a minha vida. Mas os competidores profissionais não querem assim.

Eu era um dos primeiros etnólogos a começar um estudo de prazo longo. É por isto que já tenho 22 anos (65 meses) na tribo, mas dentro de dez anos de agora vão ter muitos antropólogos que vão passar 22 anos ou 65 meses nas tribos que eles estão estudando. Isto é o estilo do futuro que vai valer muito mais.

É uma ironia que é mais fácil escrever publicações quando tiver escassos resultados. O jornalista publica rapidamente com um mínimo de dados, o antropólogo com só 15 meses na tribo publica uma tese baseada em relativamente poucos dados. É mais fácil analisá-los--tem menos materia em conflito; cobre todos os assuntos levemente. Para o pesquisador de prazo longo, tem não somente a análise sincrônica mas também a síntese diacrônica e também muitos mais dados para ser integrados, comparados e estudados.

A pesar disto, tenho 10 artigos já (não só um), publicados sobre os Canelas e mais dois nas prensas. Também tenho dois livros quase terminados, e quatro outros artigos profissionais publicados sobre outros assuntos (=não Canela).

Uma denúncia grande contra mim saiu em O ESTADO DO MARANHÃO, São Luis, 03/10/79. Era de uma página inteira com cinco retratos. As acusações são do mesmo tipo, só que são mais exageradas das que se encontram nos outros artigos.

Outra vez surge a questão de eu formar "castas", e outra vez tenho que repetir que há 24 aposentados na FUNRURAL que estão ganhando muito mais dinheiro do que ganhavam meus 12 escritores. Até 1978, tinham Canelas empregado pela FUNAI morando na aldeia nas ganhando salários como se estivesse morando na cidade de Barra do Corda. Durante aquele tempo meus 3 a 9 escritores ganhavam uma fração do que ganharam estes seis empregados do SPI e da FUNAI porque trabalharam uma fração do tempo. Só excrevia por 15 ou 20 horas por mes. Se existesse uma "casta" não foi baseada em dinheiro recebido nem em minha liderança. Eu estava na aldeia só 20% do tempo e nunca dei ordens. Eu não tinha qualquer autoridade. Não foi mesmo uma "casta". Isto é uma acusação falsa. Mas, estou me repetindo.

Uma acusação nova é que "a justificativa" para meu trabalho é de ver "...os Canelas serem transformados em peças de museu." A minha especialização é a mudança cultural. Claramente, eu não tenho interesse em vê-los guardados no mesmo jeito antigo como se fossem peças do museu. A política do Sr. Carvalho, pôsto em

contraste, é mesmo de isolar esta tribo na aldeia; ele não deixa entrar o padre local para fazer casamentos ou batismos. Isto é a tribo que anteriormente andava por todas os "capitais" do Brasil seguindo a tradição antiga deles de ser semi-migratórios.

Na profissão de antropologia, e especialmente na psicologia, tem a tradição de colecionar "documentos pessoais" de certas pessoas. São de muito valor depois de ser analisados para compreender melhor os padrões mentais (=cognitivos) e culturais das pessoas. Também seriam úteis para estudar a história das mudanças culturais da tribo, uma abordagem muito bem reconhecida na antropologia. Isto explica a razão por receber, mesmo nos E.U.A., manuscritos escritos pelos Canelas e fitas gravadas por eles, mas o artigo no jornal dá uma interpretação má à coleção destes manuscritos e fitas.

É o costume dos Canelas de fazer "parentes" de pessoas morando na comunidade da aldeia ou no Pôsto da FUNAI. Todos os funcionários da FUNAI também são adotados como "parentes". Isto é um sinal de amizade.

Claro que sim os Canelas vão considerar-se "empregados" de mim quando estão escrevendo por mim regularmente e eu estou comprando os manuscritos deles. Escreviam por entre 15 a 20 horas por mês, mas se achavam "empregados", mas não faziam outros serviços regularmente para mim. A palavra "empregado" é a palavra que eles usam, mas o sentido para eles é diferente. Só quer dizer que recebem dinheiro de mim. Se eles fizerem um serviço além de escrever manuscritos, eu teria que pagá-los uma quantia adicional.

É mesmo ruim ser "um benfeitos" aos Canelas? O tamanho de minha ajuda era muito pequeno quando é pôsto em contraste com a ajuda grande e boa de FUNAI. Como pode a gente morar entre uma tribo de índios sem ajudá-los de vez em quando? Para mim a ajuda ^{era} por meio de remédios entre 1957 e 1975 e também por troco de enfeites. Não dei muitas coisas, nunca. Lutei contra esta compulsão deles de pedir coisas de graça.

Nunca, mas nunca, andei "...na aldeia carregando um saco furado cheio de moedas e os índios atrás dele (de mim), feito galinhas." Isto é uma acusação muita maliciosa e falsa.

Eu não trocava presentes trazidos dos E.U.A. por informações recebidas. Isto é uma acusação completamente falsa.

Não conheço nem faço amizades com qualquer "chacinador" dos índios Canelas.

O SPI deu emprego ao primeiro Canela no 1938--mesmo como um funcionário regular do SPI. Durante meu tempo entre os Canelas (1957-1979) houve sempre ao redor de seis posições por funcionários Canelas, e alguns aposentados, até 1978, quando as posições foram transformadas pelo Sr. Carvalho, por maior parte, a certos tipos de aposentadorias. Mesmo no 1979, o Pôsto empregava alguns Canelas numa base diária. Alguns Canelas, eles mesmo, ~~tem~~ empregados ou empregadas. Pois, eu sou acusado de introduzir "empreguismo". Isto tem que ser uma acusação falsa.

A "dependência" sempre existe em qualquer sociedade. Eu, mesmo, estava bem dependente do encarregado do Pôsto e também do Cacique da tribo--e eles me deram ordens mesmo e eu as obedecia. Paguei os meus ajudantes diários diretamente, sem tirar as dívidas de um ajudante para dar o dinheiro a qualquer outra pessoa. Esta acusação de eu criar uma "dependência" não faz sentido.

Também na questão de "paternalismo desenfreado", o paternalismo do tempo do Rondon e do SPI existia entre os Canelas bem antes de minha chegada no 1957. Eles exigiam coisas de mim mesmo no começo. Por qualquer serviço eles me cobrava 150% na aldeia do Ponto velho; eu lutava em 1957 contra esta tradição deles continuamente. Uma vez me obrigaram a comprar um gado quando eu não tinha o dinheiro, e eu tinha que solicitar mais dinheiro para sair sem ficar devendo. Foi uma luta, mas pouco a pouco, a situação ficava mais "normal" economicamente.

"Paternalismo" implica um tipo de controle sobre o recipiente do presente, ou do pagamento, o que eu nunca tinha porque eles acreditam que eles não tem uma obrigação por causa de ter recebido qualquer coisa do forasteiro. Eles não eram dependentes de mim neste sentido. Receber de graça ou por serviços, era seu direito segundo sua tradição--não criava uma obrigação ou uma condição de dever qualquer coisa a mim. Faziam serviços e eu os pagavam. Esta situação não criava "dependência" ou "o paternalismo". Era mesmo o contrário: se o forasteiro não desse bastante, o Canela acreditaria que o forasteiro, por estar na aldeia, deveria bem bastante ao Canela.

O assunto do "servilismo" já discutí acima. Nego que isto existia em qualquer sentido negativo. "Todos querem emprego do americano." Também, todos querem qualquer emprego--seja do americano, seja do Pôsto, seja do linguista-missionário, ou seja do outro Canela. Eu sempre dava muito menos emprego do que o

SPI ou do que a FUNAI com a exceção do 1978-9 quando as posições da FUNAI foram transformadas em aposentadorias. Mas, apesar disto, o volume maior de dinheiro, entrando e saindo da aldeia no 1978-9, foi a quantia fluindo por causa da venda dos artesanatos pelos Canelas e a compra destes objetos pelo Sr. Carvalho.

"...salários de fome..."--eu pagava as dívidas e serviços, ou segundo a tabela estabelecida pelo Pôsto ou a um nível pouco mais alto segundo o acordo com o encarregado do Pôsto. Os escritores ganharam CR\$450,00 por mes entre 1/4/79 e 30/9/79. Foi calculado assim: No 1/4/79 um Canela pagava qualquer outro Canela ao redor de CR\$40,00 por dia para trabalhar na roça dele. No 30/9/79 ele pagava ao redor do CR\$75,00 por causa da inflação. Fiz um acordo com os escritores e com o encarregado do Pôsto no 1/4/79 que iam basear os pagamentos não no CR\$40,00 por dia, mas no CR\$60,00 por dia por causa da inflação que ia acontecer entre estas duas datas. Também, estabelecemos que o escritor escrevia tres páginas por hora (mas sei que a maior parte deles escreviam mais rapidamente se não havia interrupções). Assim o escritor que escrevia 45 páginas por mes, trabalhava 15 horas por mês--ou menos. (Certamente os tradutores trabalhavam mais horas.) Pois, se o serviço na roça era a CR\$60,00 por dia, seria a CR\$7,50 por hora, dividido por 8 horas. O escritor trabalha 15 horas por mês, e por isto, pode ser pago CR\$112,50 por mes na base do serviço na roça, mas valorizamos (eu e o encarregado do Pôsto) o serviço de lapiseira a quatro vezes o serviço de machado e foi por isto que os pagamentos dos escritores chegavam a ser CR\$450,00 por mes--entre 1/4/79 e 30/9/79. Usando a mesma formula, os pagamentos (agora são parados completamente) entre 1/10/79 e 31/3/80 teria sido a CR\$750,00 por mes. Isto já foi combinado antes de minha "cancelação".

Para os quatro tradutores, valorizamos (o encarregado do Pôsto e eu) o trabalho deles a duas vezes mais do que o serviço do simples escritor. Então, eles recebiam CR\$900,00 por mes e era para receber CR\$1.500,00 no próximo período de 1/10/79 a 31/3/80.

Pôsto em contraste com outros pagamentos na aldeia o homem da roça trabalhando todo o dia (não 15 horas por mês) na roça do outro Canela, 20 dias por mes, recebia CR\$800,00 no 1/4/79 e CR\$1.500,00 no 30/9/79. Os 24 aposentados recebiam aproximadamente entre CR\$2.000,00 e CR\$3.000,00 neste mesmo período.

Em todos estes casos o ganho não foi bastante para tirar a pessoa da necessidade de fazer uma roça. Ainda tinha que fazer roças porque um saco de arroz no 30/9/79 custou CR\$800,00.

Tinham que sustentar-se das roças principalmente; o dinheiro em todos os casos não dava para comprar bastante comestíveis para sobre-viver.

Paguei os ajudantes que me ensinavam sobre a tradição deles a CR\$50,00 no 31/3/79, a CR\$67,00 no meio e a CR\$75,00 no fim. Paguei aos datilografistas, aos tradutores e ao interprete a CR\$100,00 por dia entre 1/4/79 e 31/9/79. (Depois do 1/10/79 subiu a CR\$150,00 nestes casos.)

Tem que lembrar que os ajudantes, os datilógrafos, os tradutores e o interprete estavam em serviço temporário, pagos pelo dia, somente durante os 14 meses que eu estava ali no 1978-9. Assim, eram "ajudas" temporárias, e as pessoas souberam disto. Também, não tinha um Canela recebendo um "salário" de mim neste período. Os escritores escreviam manuscritos e eu estava comprando-os--era a compra de materias, CR\$450,00 por 15 horas (=dois dias) por mês. Se não escrevesse, não receberia. Não havia "...salários de fome..."; havia uma ajuda boa por escrever 15 horas por mês.

"...faz dos índios e da vida deles um abuso intolerável...", mas o autor não explica a situação. Quais foram os abusos intoleráveis? Quê tipo de responsabilidade de reportagem é isto?

"...provoca festas fora de época, manda atrasar ou adiantar, dependendo do seu interesse prejudicando a economia já escassa..." Outra vez, nego isto completamente. Eu simplesmente não fiz isto, e eu não precisava de fazê-lo porque eu estava na aldeia todo o ano.

São para demonstrar que o autor (o nome não aparece) deste artigo em O ESTADO DO MARANHÃO (3/10/79) não está escrevendo com um sentido bom de responsabilidade; vou mostrar alguns erros, os que não tocam a mim. O autor escreve, "...a terra não serve para plantio de arroz...", mas eles plantam arroz desde o século passado e mesmo estão fazendo isto agora. Depois de mandioca, o arroz é a segunda safra. "...a área desses índios é constituída exclusivamente por chapadas, não havendo mata nem caça." Tem mata bastante e ainda tem caça. Vi tudo isto. O autor esteve escrevendo numa maneira bem irresponsável.

"William Crok (Crocker) estaria disposto a encerrar o seu trabalho de pesquisas ainda este ano e por esta razão estaria alterando todo o calendário das festas e rituais da aldeia. O relatório descreve que há pouco tempo ele mandou atrasar o "Pep Garoc"--uma das festas mais significativas dos Canelas-- enquanto esperava a chegada de sua esposa dos Estados Unidos-- e trouxe outro americano da Smithsonian [Smithsonian] Institution [Institution] para filmar cenas da aldeia."

Sim, eu estava encerrando a pesquisa, mas uma festa observada, fora do calendário, tem pouco valor antropológico. Eu tinha visto esta festa dos "Pep Garoc" já duas vezes e não era necessário vê-la uma terceira vez. Simplesmente, eu não mandei atrasar o "Pep Garoc". Isto é uma acusação completamente falsa. Minha senhora chegou na primeira parte de julho e saiu depois de duas semanas, e os Canelas botaram a terminação da festa dos "Pep Garoc" no fim do setembro. Não houve uma relação; não mandei nada.

Eu não "...trouxe outro americano...para filmar cenas da aldeia." Ele chegou com uma brasileira. Era um equipe de duas pessoas que chegou porque tinha um convênio entre o Museu do Índio da FUNAI e a Smithsonian Institution. Eu não fiz este convênio. Seria bom se os autores dos jornais publicassem os fatos corretamente.

"Tem utilizado índios velhos, doentes, depauperados mandando-os levar cartas para Barra do Corda e obrigando-os em troca de um agrado, a caminhar 184 quilômetros a pé [ida e volta = 184], aduzindo que era costume deles levar cartas."

Os índios Canelas são atletas de chapada e corredores famosos. Quero dar ênfase, outra vez "...que era [mesmo] costume deles levar cartas," correndo lentamente os 74 [sic] quilômetros a Barra do Corda, para o pessoal do SPI, para o pessoal da FUNAI e para os caciques da tribo, durante as quatro décadas passadas, ao menos. No caso referido neste jornal, foi o cacique da tribo que tinha escolhido para mim um homem de 57 anos "depauperado" que mesmo tem costume de fazer estas viagens a pé, e que recebeu CR\$200,00 na saída da aldeia, CR\$200,00 na cidade de minha ordem, e CR\$200,00 na volta à aldeia. (Isto foi serviço de emergência.) Ele não foi "obrigado" a ir, queria muito ir; e ele recobrou mais do que só "um agrado". A torção dos fatos parece ser a característica especial do autor deste artigo em O ESTADO DO MARANHÃO.

"A Comissão Pró-Índio do Maranhão diz não entender a omissão da FUNAI em todo esse processo de exploração praticado pelo antropólogo americano contra os índios Canelas. Diversas relatórios da Ajudância de Barra do Corda teriam sido enviados à delegacia regional e à própria presidência do órgão em Brasília. Nenhuma providência, ao que parece, foi tomada até agora."

Quero sugerir como uma probabilidade que a delegacia regional e, pode ser até a própria presidência, já souberam que estas acusações eram caracteristicamente falsas.

"Os Canelas, iludidos pelos presentes que William "Crok" lhes traz frequentemente dos Estados Unidos, não estariam nem um pouco preocupados com a iminente crise de fome...principalmente aqueles que constituem a casta de informantes do antropólogo. Rádios e gravadores estão sendo ganhos à custa da perda quase total de lavoura."

Eu não trouxe presentes dos E.U.A.--não valem o excesso de bagagem--para os meus ajudantes. Por maior parte, estes ajudantes tem roças maiores do que o tamanho médio entre os outros Canelas simplesmente porque são pessoas mais capazes e motivadas. Os gravadores foram emprestados a eles para fazer serviços de transcrição e de fazer diários. Foram retirados quando saí com a exceção de um gravador muito velho que ficou com um tocador de maracá para que ele pudesse gravar as cantigas dos mais velhos cantadores para a tribo não perdê-las, quando os velhos morressem. O tocador novo pediu assim de mim, ele já tinha a experiência em gravar cantigas; e ele estava fazendo isto para o bem-estar da tribo. Deixei também oito horas de fita em forma de cassetes com ele, mas eu já soube que ele tinha botado uma roça grande este ano, e que já foi queimada.

O problema das roças Canelas, primeiramente, é que nunca eram grandes tradicionalmente. Eles usavam a caça, as frutas e as raízes da chapada e do mato no lugar das safras de roças grandes. Eram "meio-coletores" por sobrevivência, mas, hoje em dia, a caça está ficando menos e a coleta de fruta está perdendo prestígio. Também o tamanho das roças diminuiu significativamente quando desapareceu o serviço conjuntivo regular, feito pelas classes de idade nas décadas '30, e '40. Depois disto, não passavam fome somente porque uma grande parte deles trabalhava nas roças dos sertanejos nas décadas '50, '60, e '70 até quase dois anos passados, quando ficou a ser uma questão de vergonha tão grande que não pudessem mais ir nas casas dos sertanejos ao redor da aldeia. Isto é uma das mudanças grandes que está causando a fome também como a possibilidade de fazer artesanatos para, as vezes, comprar comestíveis nas duas lojas ou para comprar "as necessidades" que não eram necessários há poucos anos.

As minhas atividades de pagar ajudantes por escrever diários, para transcrever fitas, e para traduzir e datilografar as palavras das gravações, envolviam poucas pessoas numa tribo de 600. O fato de largar de trabalhar nas roças dos sertanejos nos meses de setembro a janeiro, e esta nova possibilidade de ganhar até comestíveis em troca de artesanatos tem envolvido toda a tribo, especialmente aqueles de menos energia que não gostam de fazer

roças. Os meus ajudantes, ou eram os muitos velhos que quase não podiam fazer roças, ou foram os mais capazes dos Canelas e por isto faziam roças grandes, e já sabiam a escrever, em todos os casos, antes de começar de escrever para mim.

Os fotos do artigo em O ESTADO DO MARANHÃO foram tirado por mim, em 1970 ou em 1971. É por isto que eu sei que foram fornecidos de Brasília. O foto no meio em baixa não foi tirado "no meio da aldeia"; foi tirado fora de aldeia em frente da casa dos Pep-garoc em 1970. Digo isto somente para mostrar que o autor do artigo não se interessa pela verdade.

Apareceu no PQRANTIM / setembro, 79, página 7, alguns denúncias contra mim parecidas a estas já clarificadas. Escrevem de "uma mini-Cia--uma rede de informantes indígenas que recebem mensalmente CR\$300,00. Os informantes--entre os quais o capitão da aldeia e o chefe do cerimonial--tem a função de relatar para o 'antropólogo' todo o que acontece na aldeia. Mesmo quando está nos Estados Unidos, "Crok" recebe fitas gravadas dos índios, a quem recompensa com quinquinhárias trazidas da América do Norte."

Segue depois deste parágrafo acima um outro que é quase igual daquele do artigo em O ESTADO DO MARANHÃO--"...vergonhosos salários", "adiar uma festa...para dar tempo de sua mulher chegar", e também aquela mesma estória do saco furado, deixando moedas cair para os índios pegarem. Outra vez, digo, são acusações completamente falsas.

Sobre o primeiro parágrafo copiado acima, o capitão da aldeia e o chefe do cerimonial não foram envolvidos. (Sempre estes artigos tem erros grandes.) No tempo que os escritores receberam CR\$300,00 por mês foi entre 1/10/78 e 31/3/79 quando ganharam esta quantia por 15 horas de serviço. Isto é CR\$20,00 por hora, no sertão, ou CR\$6,67 por página pequena de caderno. Serviço nas roças naquela época era ao redor de CR\$40,00 por dia. Mas, me chama, "Bill Escroque" no artigo porque não sabem corretamente das circunstâncias. Não sou da Cia; sou mesmo um antropólogo, somente. Fitas de gravação foram recebidas nos E.U.A. legalmente, como uma parte de um estudo de prazo longo da tribo, nunca foram compradas "com quinquinhárias trazidas da América do Norte". Foram compradas segundo a mesma maneira dos manuscritos.

Aceitei que fosse legal receber manuscritos e fitas nos Estados Unidos porque a minha reportagem deste processo sempre foi nas petições e nos relatórios apresentados ao CONSELHO e à FUNAI na década '70. A última autorização da FUNAI era para me dar continuidade a pesquisa que geram contribuição de cunho antropológico ao entendimento do universo cognitivo Canela.

As palavras "continuidade" e "cognitivo" são as palavras chaves para me dar licença para continuar (=na mesma maneira) de colecionar dados cognitivos (=estrutura mental) por meio dos manuscritos e fitas escritos e gravadas continuamente e recebidos ou na aldeia ou nos E.U.A. como já foi feito desde o começo desta década '70.

* * *

Tenho que voltar agora a escrever sobre os acontecimentos de intervenção na minha pesquisa na aldeia dos Canelas.

Apesar de que foi assinado um convênio entre o Museu do Índio da FUNAI e a Smithsonian Institution do Washington, D.C., E.U.A., o Sr. Carvalho exigiu que nós pagássemos ainda mais dinheiro para fazer a filmagem dos Canelas. Digo "ainda mais" porque a Smithsonian estava pagando todas as despesas de expedição de filmagem, incluindo o salário da brasileira que estava aprendendo do americano as técnicas de filmar índios no campo. Antes de entrar na aldeia, numa "ensinação" de quatro horas feito pelo Sr. Carvalho no escritório dele, falamos sobre uma soma vaga ao redor de R\$40.000,00 que o equipe estaria com vontade de pagar antes da saída deles da tribo. Isto era uma espécie de taxa por filmar, mas foi uma surpresa e não foi no convênio assinado entre os dois museus.

No dia da saída do equipe de filmagem, depois de estar na aldeia por dois meses, o Sr. Carvalho, ele Mesmo, apareceu na aldeia. Ele me apresentou com uma conta informal--não tinha a assinatura deles--de R\$125.000,00 para pagar pelo tratorzinho que o Instituto Linguístico de Verão estava vendendo a prazo à tribo. Na mesma hora os Canelas estavam dizendo que o Sr. Carvalho não ia deixar sair o pickup da aldeia com o material (= todos os filmes tirados) do equipe de filmagem se não pagássemos esta conta.

Ajuntamos todos na sala grande do Posto. O Sr. Carvalho falou no ganho monetário que os cinegrafistas e até os tiradores

de slides como eu, pudessem ganhar nos E.U.A. pela venda destas materias e insistiu que os Canelas recebessem uma parte deste ganho "provável". Eu disse que era contra nosso profissionalismo vender estas matérias e que não tínhamos esta quantia de dinheiro de qualquer maneira. Também, declarei que o Museu não nós reembolsaria por este tipo de despesa bem fora de espécie reconhecida como legal para pesquisadores pagarem. Eu insisti também que se fosse mesmo correto para pagar este tanto, deveria ter sido mesmo no convênio entre os dois Museus, mas não for. Neste ponto da reunião tínhamos chegado a um empate e por isto, os dois americanos saíram da sala.

Pouco antes da nossa saída da sala, o Sr. Carvalho, em frente de todos os índios na sala, tinha me acusado publicamente de ter sido a razão principal pelos problemas em que os Canelas se encontravam. Mais tarde fomos chamados para aparecer na casa do chefe. O Sr. Carvalho tinha saído deixando o assunto nas mãos do cacique. Parece que depois da saída da sala dos americanos, vários Canelas tinham falado a nosso favor. Na casa do chefe concordamos facilmente para pagar a quantia de CR\$30.000,00--CR\$10.000,00 em carne de gado e CR\$20.000,00 entregue a FUNAI para comprar óleo para o trator novo que ia chegar quando aparecesse o "Projeto Agrícola" de Brasília.

Isto foi outra vez uma questão difícil porque óleo não é um tipo de despesa reconhecida pelos museus como ligada às pesquisas. Mas, fiz explicações e arranjamos para entregar este CR\$20.000,00 a uma terceira pessoa que ia fornecer uma boa documentação das compras de óleo. (Eu estava lembrando do caso de doação dos remédios ao Sr. Carvalho que estava sem documentação.) Pode ser por esta maneira que a Smithsonian pagaria a conta--isto é, me re-embolsaria?

A coisa feia nesta situação era a utilização da força--ou da técnica de intimidação--usada para obrigar-nos pagar a quantia já discutida e até menos do que já tinha sido concordada. Fomos já de acordo quando estivemos primeiramente na Barra do Corda, de fazer uma contribuição ao redor de CR\$40.000,00 mas em tipo de coisas que os Canelas iam gostar--não iam apreciar CR\$20.000,00 de óleo. Mas, por ser ameaçados com uma conta de CR\$125.000,00 e com o fato que as materias do equipe não sairiam da aldeia, ficamos intimidados pelo uso da força e também bem despreziados aos olhos dos Canelas. Foi o Sr. Carvalho que foi o herói dos Canelas nesta situação; ele nos tinha dominado e nos botado na posição de ser os exploradores de índios. No fim das contas, terminamos por pagar menos, mas em tipo de coisa que não nos ajudamos na estimação dos Canelas--não podem comer óleo, e a distribuição do óleo ia parecer como se fosse comprado

pela FUNAI.

* * *

Depois da saída do equipe de filmagem, havia um período de calmo relativo, mas eu estava sentindo mais e mais a hostilidade do cacique. Era claro, mesmo do começo no 1978 que o Sr. Carvalho estava falando contra mim perante aos índios Canelas quando estes estivessem na Barra do Corda. Alguns dos índios me disseram isto. O cacique mostrou esta hostilidade por meio de me pedir empréstimos de dinheiro. Ele soube que isto foi proibido pelo Sr. Carvalho e estava me forçando a quebrar a proibição para ganhar uma boa relação com ele e por ele com a tribo. Não tenho dúvida que isto foi da influência do Sr. Carvalho, e eu acredito que uma vez que eu tinha dado o empréstimo, o cacique teria contado isto na Barra do Corda ao Sr. Carvalho. Assim, ficou difícil mesmo as relações na tribo.

A opinião do Sr. Carvalho sobre mim mais óbvia e clara, apareceu numa conversação que ele tinha com meu ajudante principal. O ajudante disse que o Sr. Carvalho tinha perguntado a ele se ele, o Raimundo, "amasse" a ele mais do que amasse ao "Crok". Felizmente para mim, o Raimundo soubesse bastante para dizer que amava mais ao Sr. Carvalho do que ao "Crok". Eles dois se tratavam de "pai" e de "filho", mas não era uma relação entrada livremente, eu acredito. Minha observação é que era mesmo uma relação de admiração, de encanto e de medo. Foi nesta maneira em que o Sr. Carvalho dominava indivíduos--pelas emoções pessoais. Também, ele não tolerava qualquer pessoa benquista pelos índios na área dele. Ele tinha ciúme grande de mim.

É bem de verdade que o Sr. Carvalho tem feito muitas coisas boas pelos índios Canelas. Isto é certo e os Canelas reconheciam este fato. Os Canelas admiram e gostam de seguir um "defensor" deles bem brabo, como os líderes-guerreiros eram antigamente.

Isto me leva a mudança maior na tribo Canela que observei entre 1975 e 1978. Há dois aspectos. Primeiramente, a autoridade alta e o controle pelo Sr. Carvalho sobre os Canelas é um fenômeno de tamanho grande que nunca vi anteriormente existir entre qualquer líder da FUNAI ou do SPI. O Sr. Carvalho foi quase um deus para eles--certamente um "pai". Secundariamente, o status, e o papel, do cacique tem mudado muito. Ele tinha anteriormente uma casa igual como os outros Canelas; agora tem

uma casarão ao menos quatro vezes maior do que qualquer outro Canela. Existia uma balança de poderes entre o conselho de velhos e a chefia; agora há um contróle quase completo do conselho dos velhos pelo chefe. Mesmo na área das cerimônias, que tradicionalmente foram governadas pelo conselho dos velhos, o cacique está se mexendo e mudando as tradições. Assim ele tem ficado um chefe forte que estava querendo controlar todas as coisas, inclusive o antropólogo e até o encarregado do Pôsto.

Um dia, no pátio, o cacique me mandou tirar um pneu fora da casa do linguista-missionário. Foi só eu que soube os números da combinação da chave da casa dele. Fiz, e isto foi roubo, mas eu tinha que obedecer o chefe nos pensamentos dos índios no pátio. Não era assim anteriormente.

Sem dúvida, porque eu sei que o Sr. Carvalho passa horas falando com os líderes da tribo quando se encontram na Barra do Corda, ele tem influenciado muito o pensamento e a orientação do cacique para que ele ficasse um líder quase absoluto.

Isto é bom e é ruim; tem dois lados. Nas décadas recentes, os Canelas não obedeciam bem nenhuma pessoa--seja o cacique o seja o pessoal da FUNAI. Agora estão obedecendo bem todas as autoridades. Isto ajuda no moral e no bem-estar da aldeia. São mais unidos. São mais capazes de ser liderados a fazer qualquer coisa inclusive o serviço de junto nas roças. São mais como eram antigamente. Naquele tempo antigo a palavra hūupa queria dizer escutar-entender-acreditar-obedecer, tudo na mesma hora. Uma vez que uma pessoa tem escutado uma ordem, já está obedecendo-lá. Hoje em dia alguns dos Canelas podem distinguir umas das diferenças entre as quatro palavras por causa de que tantos deles tem aprendido a falar português, mas facilmente eles voltam a agir segundo esta ligação subconsciente antiga de escutar=obedecer. No lado negativo, a palavra hūupal-nō quer dizer "ele que não escutou, entendeu, acreditou e não obedeceu." Eles não usam a palavra "dúvida" corretamente em português. Duvidar é de ser hūupal-nō ou desobediente. Na ligação destas quatro expressões citadas acima, não tem lugar nem para uma pessoa pensar--menos ainda falar--fora da ordem escutada.

É assim que nós podemos compreender a grande autoridade do Sr. Carvalho sobre os Canelas e o poder da profeta do messianismo Canela no 1963. Por exemplo, se o Sr. Carvalho tivesse falado ao chefe que não queria que os oito Canelas autorizados pelo

Presidente da FUNAI trabalhassem em março com o linguista-missionário, o Sr. Jack Popjes, teria sido hūūpal-nō se qualquer Canela tivesse feito isto. Esta palavra tem conotações muito piores do que sō "a desobediência". Quer dizer também que a pessoa tem falta de moralidade social--é anti-social e é ruim mesmo, no rumo de ser um feiticeiro. Mesmo sōmente o conhecimento pelos Canelas que o Sr. Carvalho não queria que alguém ajudasse, o Sr. Popjes, teria levado o efeito de uma ordem absoluta.

No meu caso era pouco mais difícil para me botar fora porque eu já estava dentro da aldeia, mas o povo Canela estava virando pouco a pouco contra mim porque depois de 4/79 era bem conhecido por eles que o Sr. Carvalho não gostava de mim. Certas coisas desagradáveis mesmo aconteceram porque souberam que eu não estava apoiado pela FUNAI. Aliás, com as proibições contra a ajuda aos Canelas, eles estavam sentindo que eu era sō aproveitando deles--usando eles--mesmo como já expliquei, com muito cuidado, acima, e isto criou alguns reações individuais contra mim.

No fim de setembro, os Canelas botaram a festa dos "Pep-cahãc" que era uma grande prazer ver outra vez, e logo depois chegou o Sr. Exedito Arnaud do Museu Goeldi como o representante do CONSELHO. Ele passou tres dias na aldeia, viu todas coisas necessãrias, e falou bem com certos índios e com o pessoal da FUNAI. Parecia a mim que ele encontrou quase nada de ruim--as acusações foram mesmo falsas. Discutimos muitas coisas. Pela primeira vez dentro de 14 meses ganhei o sentido de que eu mesmo ia terminar a pesquisa. Vou dizer que trabalhar por mais de um ano sempre pensando que o cancelamento pode chegar a qualquer mês não é bom para a saúde de qualquer pessoa. Era assim mesmo porque eu soube bem sobre a ligação entre o Sr. Rafael Bastos e o Sr. Carvalho do começo, e sobre as pretensões deles contra mim.

Em resumo, alguns dos resultados da ameaça constante (os amigos escreviam de vez em quando de Brasília sempre descrevendo o grau do perigo) foram: 1) a falta de ir à aldeia dos Canelas dos Porquinhos (Apaniêkra), e por isto o surgimento entre eles de raiva (=ciume), até justificada, contra mim, facilitada e aumehtada pelo Sr. Carvalho, ele mesmo, durante as discussões dele com o cacique deles;

2) a falha de fazer um recenseamento na aldeia dos Escalvados (a velha aldeia do Ponto) no setembro de 1978. (É bom fazer um recenseamento bem logo depois da primeira chegada na aldeia para voltar a ganhar o reconhecimento e amizade das pessoas, especialmente depois de estar fora da aldeia por tres anos;

3) a falta de poder estudar somente a língua por um ou dois meses, no começo da estadia, numa maneira concentrada, que teria me ajudado muito nos meses seguintes;

4) a falta de ver a minha família por nove meses em vez de só cinco meses, como foi planejado; (Escrevo isto porque eu sei que os brasileiros botam muita importância na vida familiar, mesmo que faço com minha esposa irlandesa.)

5) a rapidez em que foi feito o estudo da vida cerimonial dos Canelas. Custamos quatro meses, mas precisamos de cinco meses ao menos;

6) a falta de ter mais tempo na pesquisa de campos semânticos de palavras "chaves". Isto foi feito depressa entre janeiro e março com o recêio de perder a licença com a entrada do novo governo em abril e a conseqüente mudança na balança entre os amigos e não-amigos em Brasília. No fim das contas, a continuação deste estudo principal e inovativo, no outubro e novembro de 1979, foi cortado por um mês pelo cancelamento da autorização em outubro;

7) a fotografia tirada foi mínima porque eu mesmo dei a esta tarefa uma prioridade segunda, e com a ameaça constante de perder a autorização, trabalhei nos dominigos em vez de tirar retratos, e de filmar bem a aldeia em super-8;

8) o recenseamento mesmo feito em setembro de 1979, em cinco dias em vez de um mes, foi completamente deficiente em dados quantitativos de aculturação entre 1975 e 1979; (Os rapazes Canelas estão começando a não tirar as sobranceiras--mas a que porcentagem não sei por falta do tempo gastado no recenseamento.)

9) o cancelamento mesmo da minha autorização no 20/10 empatou--além da terminação do estudo de palavras "chaves"--impediu que eu pudesse acertar com o encarregado do Pôsto muitos dados factuais de receber como o tamanho da área indígena e os nomes corretos do pessoal do Pôsto--muitos dados simples mas importantes para qualquer publicação;

10) o cancelamento da autorização também cortou por um mês a tradução e datilografia de várias reuniões no pátio e de alguns audiências judiciais. Felizmente, as palavras da filmagem feita pelo Equipe Museu do Índio-Smithsonian, foram todas traduzidas e datilografadas.

No 20 do outubro, chegou a carta do cancelamento da minha autorização. Foi assinado pelo Sr. Carvalho somente, mas citou o numero de um radiograma, Nº 38/SA/79, e que foi mandado pelo Superintendente da FUNAI, somente. Eu soube que o Presidente da FUNAI tinha pedido demissão e que provavelmente este superintendente estava no seu lugar, mas não houve o nome do superintendente na carta nem a sua assinatura. Pois, amigos brasileiros, com muita ênfase, tinha me aconselhado de sair da aldeia só por causa de uma carta de cancelamento assinado pelo Presidente da FUNAI. Então, esta carta, OFICIO Nº 029/AJBC379, eu considerei prematura, e escrevi ao Sr. Carvalho que eu sairia quando chegasse a carta assinada pelo Presidente da FUNAI. Dois dias depois chegou um motorista amistoso com umas palavras que o Sr. Carvalho tinha dito sobre a situação. O Sr. Carvalho tinha dito que se eu não saísse da aldeia ele mandaria a polícia atrás de mim. O motorista trouxe uma carta de um amigo brasileiro me avisando para sair com o motorista amistoso por causa da natureza do Sr. Carvalho. Não importava se a carta cancelando minha autorização fosse de origem local (=ilegal) ou de Brasília, este grande amigo estava me aconselhando sair por medo da provável chegada da polícia se eu não saísse. O motorista amistoso disse que o Sr. Carvalho tinha ficado muito zangado por causa da minha carta e que ele tinha mandado um radiograma a Brasília dizendo que eu tinha "recusado de sair". Até agora eu não tenho recebido a carta correta cancelando minha autorização. Saí da aldeia só por causa do medo da polícia, por causa da possibilidade que o Sr. Carvalho puder fazer coisas difíceis contra mim, e por causa dos conselhos do grande amigo na Barra do Corda.

Uma vez na cidade, tranquei as coisas da pesquisa na casa do amigo e saí à meia noite com as coisas por carro para Belém outra vez seguindo os conselhos de outro amigo que tinha me escrito de Brasília sobre que eu deveria tomar muito cuidado para guardar os resultados da pesquisa para que outros não os tomassem. Estou muito grato pelos grandes amigos que tenho no Brasil.

* * *

Aprendi mais tarde que minha autorização com o CONSELHO tinha acabado no fim do julho de 1979. Eu soube que eu tinha pedido uma prorrogação para até o fim do julho, mas eu nunca

tinha recebido qualquer confirmação positiva ou negativa desta petição. Se eu tivesse recebido uma confirmação positiva, eu teria pedido uma segunda prorrogação para até o fim do novembro.

A primeira licença do CONSELHO me deu um ano, mas o pesquisador não pode passar um ano em meses consecutivos entre uma tribo de índios no interior, trabalhando todo o tempo. Passei os meses de 8/78 a 12/78 na tribo. Perdi tres semanas de janeiro, 1979, fora da tribo; assim, passei 10 dias na tribo. Passei os meses de fevereiro e março na tribo, mas faltei quase quatro semanas de abril na tribo. Outra vez, faltei quatro semanas de julho, mas inteirei os meses de agosto e setembro e tres semanas de outubro.

* * *

Por tudo isto, sou muito grato. É um privilégio muito grande, como estrangeiro especialmente, pesquisar numa aldeia de índios brasileiros. Quero dizer fortemente outra vez que neste relatório não estou fazendo uma queixa formal contra qualquer pessoa. Estou só entregando informação para saber o que aconteceu. Tudo que escrevi é do meu ponto de vista e é da minha compreensão. Não é uma "defesa". O que é, é um esclarecimento do que aconteceu segundo minha compreensão.

Peço que lembre-se que estou fazendo pesquisas aqui no Brasil por 22 anos, sempre com comportamento bastante bom. Não for diferente esta vez de minha parte, mas as relações entre certos grupos de colegas antropológicos e de certos funcionários da FUNAI, a respeito de mim, foram bem diferentes.

Espero que depois de muito tempo fique muito contente com os resultados desta pesquisa. Há volume no sentido que tem dados para várias monografias e há contribuições especiais no sentido que tem novas teorias para os estudos dos índios Jê do Norte.

Outra vez, quero expressar minha gratidão sincera, sentida bem forte por ter recebido o privilégio grande de fazer uma pesquisa antropológica no Brasil.

Atentamente,



William H. Crocker
Department of Anthropology
Smithsonian Institution
Washington, D.C. E.U.A.

Belém, 10/11/79